

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 73 · Nº 779 · €1,80

Abril 2012

No Mais Alto dos Céus



14

O Remanescente de Deus no Fim dos Tempos

Quais as implicações práticas deste conceito teológico?



17

Congresso Europeu de Leigos Sobre Missão

Entrevista a Paolo Benini, da Divisão Euro-Africana



28

Ler Ellen White no Século XXI

Dez princípios a ter em consideração ao ler os escritos de Ellen White.

Lançamento

Publicadora SERVIR 



na XVIII Assembleia
Administrativa
da UPASD

“E foi assim que, pelas razões mencionadas ao longo deste livro, ‘fui resgatado da vã maneira de viver que por tradição havia recebido dos nossos antepassados’.

I Ped. 1:18.”

Ernesto Ferreira,
em *A Verdade Cristã*



Uma obra fundamental de descoberta, testemunho e decisão.

Brevemente na livraria da sua igreja!

publicadora@pservir.pt

Tel.: 21 962 62 00 / Fax: 21 962 62 01

www.publicadora-servir.pt

PUBLICADORA SERVIR, S.A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo | Portugal



"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice



TESTEMUNHO

20 A Igreja é Minha

A razão que não está relacionada com o edifício.



DEVOCIONAL

32 A Felicidade Segundo Jesus

Onde podemos encontrar a felicidade? Esta questão tem interpelado muitos seres humanos durante todas as épocas da história da humanidade.



PÁGINA DA CRIANÇA

34 Pensa Por Ti

EDITORIAL

04 "A Alegria do Senhor é a Vossa Força"

05 Memo

ARTIGO DE FUNDO

06 No Mais Alto dos Céus

CIÊNCIA E RELIGIÃO

10 Imitando a Natureza – Parte II

Nesta série de artigos que iniciámos no mês passado sobre a Biomimética – A Ciência da Imitação da Natureza – iremos mostrar exemplos recentes de como o homem está a aprender com a Natureza e com as ideias originais e extraordinárias do seu Criador.

BÍBLIA

14 O Remanescente de Deus no Fim dos Tempos

Os Adventistas acreditam que Deus os suscitou no desfecho do conflito cósmico como um movimento de reforma para preparar o mundo para o regresso de Cristo.

ENTREVISTA

17 Congresso Europeu de Leigos Sobre Missão

18 Notícias Nacionais

- Aveiro
- Vila Nova de Gaia
- Alpendurada
- Porto

EVANGELISMO

22 Aliança em Ação – Projeto Rio Maior

Aliança é um projeto que, desde 1990, evangeliza Portugal de lés a lés, com um grupo de jovens homens e mulheres... que pretendem "apenas" dizer "Eis-me aqui, envia-me a mim".

VIDA CRISTÃ

26 A Autoestima e o Cristão

Deus nunca nos pediu para parecermos melhores. Ele pede-nos para sermos autênticos.

ESPÍRITO DE PROFECIA

28 Ler Ellen White no Século XXI

Os escritos de Ellen White têm sido uma bênção para os leitores em todo o mundo.

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

30 Esforçando-nos Juntos

A maior parte das pessoas concorda certamente que a unidade é importante. Unidade tornou-se numa palavra muito usada na política e na religião.

REFLEXÃO

35 A Matemática de Deus

"Assim como os Céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos."

“A Alegria do Senhor é a Vossa Força”

Estamos em pleno mês de abril, o mês que marca o final de mais um quinquênio, por ter sido escolhido para realizar a XVIII Assembleia Administrativa da União. Certamente um dos primeiros objetivos de uma reunião como esta é o de se fazer um balanço retrospectivo de todo o empenho e desempenho como Igreja, a nível nacional. Mas é tempo também para um exame introspetivo individual a fim de, com grande humildade e honestidade diante do Senhor, analisarmos que contributo cada um de nós deu, na construção dessa Igreja imaculada que Deus deseja e que nós vindicamos há muito. Esse contributo pode ser analisado a vários níveis: aproximação consciente de Deus através de um estudo significativo da Sua Palavra e Espírito de Profecia, comprometimento individual com o “está escrito”, participação ativa na vida de igreja, oração intercessória uns pelos outros e pelos dirigentes locais e nacionais, etc..

Acredito profundamente que cada um de nós tem motivos de louvor ao Senhor pelas vitórias conseguidas, mas também estamos conscientes de alguns aspetos da nossa vida pessoal que necessitam de uma delicada cirurgia espiritual. Se atendermos ao que diz o profeta Isaías, que “as nossas iniquidades fazem separação entre nós e o nosso Deus; e os nossos pecados encobrem o Seu rosto de nós, para que não nos ouça”,¹ então torna-se imperativo desobstruir o caminho, dando assim espaço a uma forte intervenção do Espírito Santo, já na nossa preparação, e, sobretudo, durante a própria Assembleia. Por essa razão, foi decidido dar uma forte componente espiritual, convidando alguém em quem reconhecemos esse estatuto de proximidade com Deus, a Dr^a. Ella Simmons, Vice-presidente da Conferência Geral. Mas esta tarefa introspetiva não é apenas para os delegados. Toda a Igreja nacional deveria estar envolvida nesta magna reunião, intercedendo por aqueles que foram chamados a tomar decisões. Para que esse envolvimento seja ainda mais real, foi decidido transmitir, via TV Adventista, muito do que ali se vai passar, para que, mesmo os que não podem deslocar-se a Lisboa, possam acompanhar nas suas próprias casas ou igrejas a vivência desta Assembleia.

Esses momentos de reflexão pessoal são importantes para conduzir-nos a um estado de perfeita sintonia com o

Senhor. E, onde está o Senhor, há pleno gozo. Permitam-me recordar uma outra Assembleia do tempo de Israel. Depois do cativo, quando muitos já tinham regressado para a reconstrução de Jerusalém,² o povo reuniu-se em Assembleia-geral com o intuito de ouvir as ordens de Deus escritas por Moisés.³ Gostaria de destacar aqui um momento importante dessa reunião: “E leram no livro, na lei de Deus; e declarando, e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse. E Neemias, que era o governador, e o sacerdote Esdras, o escriba, e os levitas que ensinavam ao povo, disseram a todo o povo: **Este dia é consagrado ao SENHOR vosso Deus, então não vos lamenteis, nem choreis.** Porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da lei. Disse-lhes mais: **Ide, comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto não vos entristeçais; porque a alegria do SENHOR é a vossa força.** E os levitas fizeram calar a todo o povo, dizendo: Calai-vos; porque este dia é santo; por isso não vos entristeçais. Então todo o povo se foi a comer, a beber, a enviar porções e a fazer grande regozijo; porque entenderam as palavras que lhes fizeram saber.”⁴

Uma Assembleia deveria ser sempre tempo de consagração ao Senhor. Vamos poder Celebrar

Vamos poder Celebrar Cristo, louvando o Seu nome pelo muito que tem feito na nossa vida e na vida da Igreja.

Cristo, louvando o Seu nome pelo muito que tem feito na nossa vida e na vida da Igreja. Vamos certamente tirar lições dos erros que se cometeram ao longo da caminhada. Vão ser escolhidos os novos dirigentes para o próximo quinquênio. Vão ser feitas propostas e traçadas algumas linhas orientadoras para a elaboração de um novo Plano Estratégico. Sim, o povo de Israel chorou ao ouvir as palavras da Lei, porque reconheceram que a sua vida não estava em conformidade com a vontade do Senhor. Mas foi dada a ordem: “Hoje é dia santo, consagrado ao Senhor”, por isso é dia de grande regozijo. Existia uma enorme alegria da parte de Deus por esse reconhecimento da condição do povo e pela sua disposição em voltar-se para o Senhor. Façamos nós também, nesta ocasião, da alegria do Senhor a nossa força. ✨

· José Eduardo Teixeira,
presidente da UPASD

1. Isaías 59:2 3. Neemias 8:1
2. Neemias 7 4. Neemias 8:8-12

Dias Especiais e Ofertas

A B R I L

01	(Término) III Encontro do Pessoal Não Docente da Rede Escolar ASD, no CAOD
01 e 02	Ação de Formação/Reciclagem – Colportagem
05 a 08	ACRE's – Acampamentos Regionais
07	Celebração da Consagração Espiritual dos Jovens (Divisão)
07	Encontro de Colportores (Divisão)
14	Missão Global – Oferta mundial
21	Educação Cristã (Divisão) – Oferta única
25 a 28	XVIII Assembleia Administrativa
28	Oferta da Assembleia Administrativa (Aula Magna)

M A I O

A definir (Igrejas Locais)	Campanha de Sementeira
2 a 5	Denise Hochstrasser – Visita da Departamental dos Ministérios da Mulher da EUD
05	Dia dos Ministérios da Mulher – Oferta única
06-12	Campanha Nacional ADRA
12	Oferta Emergência/ADRA Internacional (envelope) (Divisão)
19	Dia das Publicações – Oferta única
25-27	Encontro da Amizade

A B R I L

02-06 União Espanhola (SPU)
 09-13 Associação da Morávia-Silésia (CSU)
 16-20 União do Norte da Alemanha (NGU)
 23-27 União Portuguesa (PU)
 30/04-04/05 União do Sul da Alemanha (SGU)

M A I O

30/04-04/05 União do Sul da Alemanha (SGU)
 07-11 Associação Belgo-Luxemburguesa (FBU)
 14-18 Associação Alemã Berlim-Central (NGU)
 21-25 Associação Eslovaca (CSU)
 28/05 – 01/06 Associação da Suíça Francesa-Italiana (SU)



COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Deus Mudará a Perspetiva

Quando, na tua vida, surgirem problemas,
 Que, aparentemente, não tenham solução,
 Vai ao Senhor,
 Busca-O e confia,
 Derrama a tua alma em oração.
 Ele tem mil maneiras
 De as tuas necessidades prover.
 Ele é Poderoso e Maravilhoso,
 E dar-te-á a Sua força e o Seu poder.
 Quando, pela fé,
 Da Sua graça te apoderares,
 E com todo o teu coração confiares,
 Ele mudará, sim mudará,
 De uma maneira maravilhosa
 E grandiosa,
 A mais desalentadora perspetiva.
 Sim, Ele por ti tudo fará,
 Não cesses de orar,
 Mesmo que as tormentas da vida
 Pareçam a tua embarcação ir afundar.
 Espera a resposta do alto,
 O Senhor a tua voz ouvirá
 E, para glória do Seu nome,
 O mar da tua vida abrirá. ✨

(Baseado num texto de Ellen White,
Serviço Cristão, p. 234)

Maria Helena Robalo

ANTENA 1

RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
 ANTENA 1, a partir das 22h47

- 02/04 (2ª feira) – 1ª parte do programa
- 30/04 (2ª feira) – 1ª parte do programa
- 21/05 (2ª feira) – 1ª parte do programa

RTP2 ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h
 ANTENA 1, a partir
 das 06h
 29/04 (domingo)

Envie os seus textos para:
 Revista Adventista (A/C Lara Varandas)
 Publicadora SerVir, S.A.
 Rua da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 ou para: lara.pservir@sapo.pt

No Mais Alto dos Céus

**Sobre a
Permanente
Humanidade
de Jesus**



Sendo seres humanos caídos com conhecimento limitado, podemos somente maravilharmo-nos com aquilo que conhecemos da nossa fé: o Criador, o Ser mais elevado do Universo, Aquele que é maior do que o Universo, Aquele que estava acima dele, tornou-Se no mais pequeno de todos e morreu a segunda morte do pecador, para que nenhuns pecadores tivessem que enfrentar essa morte pessoalmente. Aquele que é igual a Deus, Aquele que é Deus, Aquele que é o maior e mais exaltado em toda a Criação, torna-Se no menor na cruz, fazendo-Se “maldição por nós” (Gál. 3:13) para que nunca tivéssemos que enfrentar essa condenação nós mesmos.

O apóstolo Paulo escreveu sobre Jesus: “Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz!” (Fil. 2:6-8). Aquele que fez tudo, “aniquilou-Se a Si mesmo” para podermos ter a promessa da vida eterna.

Incrivelmente, ainda há mais um ponto no qual não nos deleitamos frequentemente, mas que torna o trabalho de Cristo por nós ainda mais surpreendente. Ellen White escreveu: “Pela Sua vida e morte, Cristo realizou ainda mais do que a restauração da ruína produzida pelo pecado. Era intuito de Satanás causar entre o homem e Deus uma eterna separação; com Cristo, porém, chegamos a ficar numa união mais íntima com Ele do que se nunca tivéssemos pecado. Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que nunca mais se partirá. [...] Para nos assegurar o Seu imutável conselho de paz, Deus

deu o Seu Filho unigênito a fim de que Se tornasse membro da família humana, retendo para sempre a Sua natureza humana. [...] Deus adotou a natureza humana na pessoa do Seu Filho, levando a mesma ao mais alto Céu. É o “Filho do homem”, que partilha do trono do Universo” (*O Desejado de Todas as Nações*, ed. P. SerVir, p. 16).

O Senhor não só assumiu sobre Si a humanidade, mas Ele reterá essa humanidade para sempre; a humanidade, na pessoa de Cris-

O Senhor não só tomou sobre Si a humanidade – Ele conservará essa humanidade para sempre.

to, partilhará o trono do Universo por toda a eternidade. Como se as manifestações de Cristo antes e depois da cruz não fossem mais do que o suficiente para a nossa mente caída compreender, agora ainda acrescentamos isto?

Com algo tão incrível que nos é apresentado, a pergunta é: O que nos diz a Bíblia sobre a humanidade de Cristo depois da cruz?

Na Fornalha Ardente

Uma das histórias bíblicas mais conhecidas é a dos três Hebreus atirados para uma fornalha ardente pela sua recusa em quebrar um

dos Dez Mandamentos, neste caso o Mandamento contra a idolatria. Vejam aquilo que aconteceu: “Então aqueles homens [Sadrach, Mesach e Abed-nego] foram atados com as suas capas, seus calções, e seus chapéus, e seus vestidos, e foram lançados dentro do forno de fogo ardente. [...] Então o rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa; falou, e disse aos seus capitães: Não lançámo-nos três homens, atados, dentro do fogo? Responderam e disseram ao rei: É verdade, ó rei. Respondeu, e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nada há de lesão neles; e o aspeto do quarto é semelhante ao filho dos deuses” (Dan. 3:21-25). Nesta história, séculos antes da cruz, Jesus é retratado como o “Filho de Deus”.

Alguns capítulos mais à frente, em Daniel 7, é apresentada ao profeta uma visão do grande julgamento pré-Advento, um julgamento que terá lugar imediatamente antes da Segunda Vinda, um julgamento que parece conduzir diretamente à Sua própria vinda. Reparem: “Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou: o seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a limpa lã; o seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele: milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele: assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. [...] Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu Um como o filho do homem: e dirigiu-Se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até Ele. E foi-Lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem” (Dan. 7:9-14).

Ao contrário da prévia manifestação de Cristo, que ocorreu séculos antes da cruz, este acontecimento, que tem lugar muito depois da cruz, apresenta Jesus como o “Filho do homem”, uma expressão que se entende geralmente que enfatiza a humanidade de Jesus. Portanto, Cristo é descrito com uma imagem que revela a Sua natureza humana muito depois da Sua morte e ressurreição.

Nas Nuvens do Céu

Inúmeras vezes quando aqui esteve em carne, Jesus referiu-Se a Si mesmo como o “Filho do homem” – mais uma referência à Sua humanidade e aos Seus laços com a família humana. “E, chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe, interrogou os Seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?” (Mat. 16:13; ver também Mat. 17:12; Mar. 14:41; Luc. 9:58). Todas estas referências pré-cruz e pré-ressurreição a Si mesmo fazem sentido quando consideramos quão importante e central a humanidade de Cristo é para o plano da salvação. Ele tinha que Se tornar humano, tinha que carregar sobre Si a nossa humanidade, para poder ser o nosso Substituto e o nosso Exemplo.

Reparem, no entanto, nos seguintes textos: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será, também, a vinda do Filho do homem” (Mat. 24:27). “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da Terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (v. 30). “E Jesus disse-lhes: Eu o sou, e vereis o Filho do homem, assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu” (Mar. 14:62).

Estas são todas referências inconfundíveis à Segunda Vinda de Jesus e todas incluem a expressão “o Filho do homem”. Se, de alguma forma, depois da cruz e da ressurreição, Cristo tivesse perdido a Sua humanidade (uma vez que o Seu trabalho na Terra estava terminado), porquê usar a expressão “Filho do homem” – uma referência evidente à Sua humanidade – quando falou da Segunda Vinda? Estes textos apontam para a Sua natureza humana muito depois da Sua encarnação terrena.

Mãos e Pés

Temos também as aparições de Cristo depois da Sua ressurreição, nas quais a realidade do Seu corpo humano é enfatizada. Quando apareceu primeiramente aos Seus discípulos, que pensaram que fosse uma espécie de aparição, Jesus disse-lhes: “Porque estais perturbados, e porque sobem tais pensamentos aos vossos corações? Vede as Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo: apalpai-Me e vede;



pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho. E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E não o crendo eles ainda, por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa de comer? Então eles apresentaram-Lhe parte de um peixe assado e um favo de mel. O que Ele tomou e comeu diante deles” (Luc. 24:38-43).

Obviamente, as mãos e os pés de Jesus deviam mostrar-lhes as Suas

cicatrizes (ver João 20:26-28); o comer mostrou-lhes a realidade da Sua humanidade, da Sua carne humana. Mais uma vez, tudo isto aconteceu depois da Sua morte e ressurreição. Embora a ênfase aqui seja no facto de Ele ter ressuscitado, Ele utilizou o facto físico do Seu corpo humano, a Sua carne, os Seus ossos e as Suas cicatrizes, bem como a Sua fome, para confirmar este ponto.

O Testemunho de Estevão

Atos 7 fala de Estevão perante os líderes religiosos de Israel, a quem ele tinha sido trazido por causa da sua fé em Cristo. Estevão inicia um longo discurso sobre a história da nação hebraica, no qual termina por condenar aqueles que resistem ao Espírito Santo, um ato que conduz ao seu martírio. Antes de ser morto, a Bíblia relata o que aconteceu da seguinte forma: “Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no Céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus; E disse: Eis que vejo os Céus abertos, e o Filho do

homem, que está em pé à mão direita de Deus” (Atos 7:55 e 56).

Claramente, Estevão chama a Jesus “Filho do homem”, ao vê-lo em visão no Céu ao lado do Pai. Mais uma vez, porque não “Filho de Deus” em oposição “Filho do homem”, que aponta indiscutivelmente para a humanidade de Cristo?

Juntos, estes versículos apresentam provas suficientes da humanidade de Cristo depois da Sua morte e ressurreição. Assim, a humanidade

que Ele tinha assumido no ato de se tornar num ser humano, num “Filho do homem”, permaneceu n'Ele para sempre mesmo depois do Seu trabalho na Terra ter terminado.

Um Mediador Humano

O livro de Hebreus, com a sua ênfase em Cristo como nosso Sumo-Sacerdote no Céu, torna-se num poderoso argumento para a humanidade permanente de Cristo, mesmo depois do Seu regresso ao Céu. De facto, estes textos dão-nos a ideia de que a Sua humanidade permanente é crucial para o Seu trabalho de mediação.

Repare: “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; E livrasse todos os que, com medo da morte, estavam, por toda a vida, sujeitos à servidão. Porque, na verdade, Ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão. Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel Sumo-Sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque, naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (Heb. 2:14-18).

Jesus não só assumiu a natureza humana – Ele necessita dessa natureza para ser um “misericordioso e fiel Sumo-Sacerdote” no Céu. A humanidade de Cristo é o elo com o qual Ele mesmo Se ligou a nós, um elo que mantinha muito tempo depois do Seu trabalho na Terra ter terminado, um elo que é crucial para o trabalho que Ele está a fazer por nós no Céu como o nosso Sumo-Sacerdote.

Se tudo isto não for suficientemente claro, Paulo torna este ponto inequívoco: “[Deus] quer que todos os homens se salvem, e ve-

Jesus não só levou a humanidade que tinha assumido para o Céu, mas conservará eternamente essa humanidade.

nam ao conhecimento da verdade; porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (I Tim. 2:4 e 5). O homem Cristo Jesus: Embora continue a ser divino, Jesus ainda conserva a humanidade que tomou sobre Si próprio quando nasceu neste mundo. A palavra grega para “homem” neste texto, *anthropos*, é a palavra grega comum usada para “humanidade”. Assim, mesmo depois da cruz, mesmo depois da ressurreição, Cristo – que tomou sobre Si a nossa humanidade – levou a Sua humanidade Consigo para o Céu e é nessa humanidade que Ele ministra em nosso favor.

Na Casa dos Meus Amigos

Alguém pode argumentar que, uma vez que a mediação de Cristo foi feita, talvez já não houvesse necessidade de Ele reter essa humanidade. Talvez pudesse ser assim, só que observámos numerosos textos que apontam para a Sua segunda vinda (um ato que se segue ao trabalho de mediação), e em todos esses textos a humanidade de Cristo é realçada. Eles provam que a Sua natureza humana foi conservada, mesmo depois da Sua mediação ter terminado. A não ser que algo na Bíblia ensine que depois da Segunda Vinda a humanidade de Cristo deve desaparecer (e nada nas Escrituras o indica), temos que acreditar que esta humanidade nunca O deixará. Por outras palavras, a Bíblia apresenta-nos fortes razões para crermos que Cristo deve “conservar a Sua natureza humana para sempre”, a natureza que Ele levou Consigo para o Céu depois de ter realizado o Seu trabalho na Terra.

Muitos estudiosos, ao longo dos séculos, compreenderam as palavras de Zacarias 13:6 – “E se alguém Lhe disser: Que feridas são essas nas Tuas mãos? Dirá Ele: São as feridas com que fui ferido em casa dos Meus amigos” – em termos messiânicos. Aplicam-nas a Jesus e às feridas da Sua crucificação. Com essa interpretação, estas palavras de Ellen White ainda se tornam mais poderosas. Ao escrever sobre o fim do pecado e sobre a destruição final dos perdidos e o início de um novo Céu e de uma nova Terra, ela disse: “Apenas uma lembrança permanece: o nosso Redentor conservará, para sempre, os sinais da Sua crucifixão. Na Sua fronte ferida, no Seu lado, nas Suas mãos e pés, estão os únicos vestígios da obra cruel que o pecado efetuou. [...] E os sinais da Sua humilhação são a Sua mais elevada honra. Através da eternidade, os ferimentos do Calvário proclamarão o Seu louvor e declararão o Seu poder” (*O Grande Conflito*, ed. P. SerVir, p. 560).

Não há dúvida: compreender a incrível verdade da cruz, do Criador a morrer na nossa humanidade pelos pecados da humanidade, já é bastante difícil. A esta verdade acrescentem outra revelação: que Jesus não só levou a humanidade que tinha assumido para o Céu, mas que conservará eternamente essa humanidade – então tudo o que podemos fazer (como fez Job quando o próprio Deus Se revelou a ele) é abominarmo-nos e arrependermo-nos em pó e cinza (Job 42:6). ♣

· **Clifford Goldstein**,
editor do *Trimensário de Adultos*
da Escola Sabatina



Imitando a Natureza



É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e vamos verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

Um Dia Normal

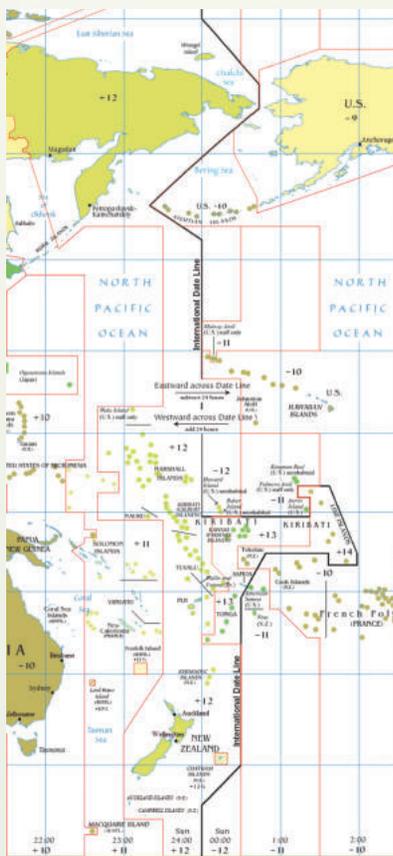
Aqui está a verdade sobre o que aconteceu hoje.¹

O dia nasceu na “Linha Internacional de Mudança da Data”, bem no meio do Oceano Pacífico, próximo das Ilhas Samoa e não muito distante da Nova Zelândia.

Um pequeno parêntesis: Esta “Linha da Data” gerou problemas desde os tempos dos navegadores da expedição de Fernão de Magalhães, que, ao regressarem ao seu país de origem, insistiam que a data da sua chegada era um dia anterior ao do calendário de quem não participou da viagem.

Tem sido também assunto de livros clássicos como o recente “A Ilha do Dia Anterior”, de Umberto Eco, ou “A Volta ao Mundo em 80 Dias”, de Júlio Verne.

Neste último, o personagem principal, após ter dado a volta ao



mundo no sentido contrário ao da expedição de Fernão de Magalhães, chegou ao ponto de partida um dia antes do que o seu calendário indicava. Fim do parêntesis.

Os raios de Sol iluminam o Oceano e algumas ilhas. Um dia depois, eles começam a iluminar as montanhas da Nova Zelândia.

Pouco depois, os campos de arroz das Filipinas e as planícies da Austrália.

Ao fazê-lo, a Natureza verde, devido à clorofila, entra em ação, ativando um dos processos químicos mais extraordinários e cujos mecanismos são, em parte, ainda desconhecidos do ser humano.

A partir dos fotões da luz solar, plantas humildes e anónimas extraem eletrões de uma molécula de água, separando-a nos seus constituintes: hidrogénio e oxigénio.



O hidrogénio, juntamente com os eletrões libertados, é utilizado para transformar os átomos de carbono em matéria orgânica, enquanto o oxigénio é libertado para a atmosfera.

Toda esta complexa maquinaria é sustida pelo Criador e Mantenedor. Como diz o Salmista: “*Faz crescer a erva para o gado, e a verdura para o serviço do homem, para fazer sair da terra o pão*” (Salmo 104:14).

Ellen White afirma: “*O Deus do Céu está constantemente em ação. É pelo Seu poder que a vegetação floresce, que aparece cada folha, e cada flor desabrocha.*”²

O Salmista volta a acrescentar: “*O que dá a neve como lã; esparge a geadas como cinza*” (Salmo 147:16).

Aprendendo com a Natureza

Os parágrafos anteriores representam apenas um aspeto de como a Criação de Deus funciona de forma extraordinária.

Nesta série de artigos que iniciámos no mês passado sobre a Biomimética – A Ciência da Imitação da Natureza – iremos mostrar exemplos recentes de como o homem está a aprender com a Natureza e com as ideias originais e extraordinárias do seu Criador.

Em particular, seguindo o livro que serviu de inspiração para esta série de artigos (na figura ao lado), nos próximos meses iremos procurar exemplos de inovações nas seguintes áreas:

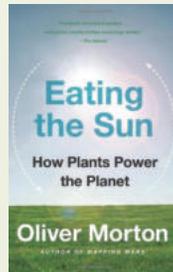
- Como gerar energia de forma mais limpa e eficiente.
- Como fabricar melhor.
- Como curar doenças de forma mais eficaz.
- Como armazenar conhecimento.
- Como utilizar princípios da Natureza na economia e na gestão.

Este mês falaremos de “Como alimentar o mundo sem destruir a Natureza”.

Devorando o Sol

Se pensarmos bem, concluiremos que a grande maioria do que temos à nossa volta depende deste ciclo incessante de dia e noite alimentado pela luz solar. Existe um livro sobre o assunto com o título “*Devorando o Sol – Como as Plantas Dão Energia ao Planeta*”.⁴

Sabemos alguns aspetos dos mecanismos pelos quais essa luz solar é transformada em tudo o que é útil para



o ser humano, mas poucas vezes reconhecemos a necessidade de um Mantenedor por detrás de todos esses processos extremamente complexos.

Há mais de dois séculos que a capacidade de manter este ciclo de transformação perante as técnicas agrícolas cada vez mais agressivas e a necessidade de alimentar uma população em crescimento acelerado têm sido preocupação do ser humano.

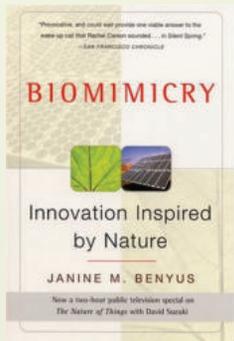
Malthus e a Demografia

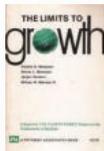
Um primeiro sinal de alarme foi dado logo no final do século XVIII, quando Malthus publicou dois ensaios sobre o que chamou “*O princípio da população*”.⁵

Nesses ensaios, este economista, que é considerado também o pai da Demografia, observava como o crescimento da população estava (já nessa época) a ser muito mais rápido do que o crescimento dos recursos disponíveis para suprir as necessidades da população.

Teoria de Malthus

- Crescimento populacional
- Produção de alimentos
- Fome, doenças, crises sociais, políticas, mortes
- Capacidade de produção de alimentos





No entanto, passados mais de 100 anos, a catástrofe não aconteceu... a tecnologia evoluiu de forma que a disponibilidade de recursos foi acompanhando o crescimento exponencial da população.

Porém, o tema permaneceu no imaginário da sociedade e foi retomado num formato semelhante nos anos 70, com a publicação do relatório “Os Limites do Crescimento”.⁶

Recentemente, em 2004, foi publicada mais uma atualização desse relatório.⁷

De certa forma, a conclusão dos três trabalhos que citamos é a mesma. A humanidade tem estado a desafiar as capacidades da Natureza já há muitos anos. Se é verdade que tem conseguido responder aos desafios para uma boa parte dos seres humanos, uma parte muito maior vive numa situação muito desfavorável e desigual.

A Revolução Verde

Além da desigualdade, a forma de aumentar a produção agrícola tem sido através da transformação do campo numa espécie de fábrica, recorrendo a máquinas para tratar áreas cada vez maiores e utilizan-

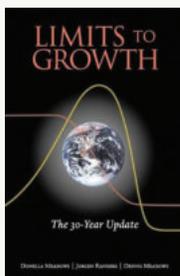
do elementos artificiais cada vez em maior quantidade.

A camada de solo arável em muitos locais tem diminuído significativamente e os pesticidas e fertilizantes utilizados em abundância vão deixando resíduos no solo e nas águas.

Nos últimos anos, as sementes utilizadas têm sido cada vez mais resultado de manipulação genética. Talvez seja um choque para alguns descobrir que 77% da soja e 26% do milho produzidos mundialmente provêm de sementes geneticamente modificadas, sendo que nos Estados Unidos estes números são respetivamente 93% e 86%.⁸

Existe um grande debate sobre se, realmente, os benefícios e os riscos da utilização destas sementes geneticamente modificadas estão a ser distribuídos de forma justa e razoável.

A consequência é que, em 1900, gastávamos 1 dólar para extrair 4 dólares de rendimento da agricultura. No final do século XX, mesmo produzindo muito mais alimentos, estávamos a gastar 2,7 dólares para gerar a mesma quantidade de 4 dólares de produto.⁹



Olhando na perspectiva humana, há realmente motivo para preocupação. Ainda existe espaço na América do Sul e na África para aumentar as áreas produtivas, mas existem também grandes dúvidas sobre se isso será suficiente.

Partindo desta preocupação, há organizações que têm analisado o assunto e proposto alternativas que poderiam funcionar muito melhor.

A História da Pradaria

O que é curioso e nos chamou a atenção no contexto deste artigo é que essas alternativas não são utilizar mais engenharia genética ou fertilizantes e pesticidas de última geração. Não. Essas alternativas propõem que aprendamos com a Natureza como praticar uma agricultura que respeita essa mesma Natureza e seja sustentável.

Numa palavra, propõem que apliquemos a Biomimética a este problema.

Em particular, os cientistas fizeram um estudo sobre como as pradarias funcionam. Sem fertilizantes, sem pesticidas, sem manipulações genéticas em laboratórios, conseguem produzir alimento para grande quantidade de animais e renovam-se permanentemente.¹⁰

A pergunta era se poderíamos aprender algo com este sistema para criar técnicas agrícolas mais



sustentáveis. O que podemos aprender com a Natureza?

As conclusões desse trabalho foram interessantes e poderiam ser úteis:

1. **Perenidade** – 99% das plantas utilizadas pelas pradarias são perenes – o solo nunca se encontra exposto à erosão durante o ano e sempre há plantas que beneficiam da situação climática vigente em cada momento.

2. **Grande diversidade** – na pradaria que foi estudada, conviviam cerca de 230 espécies de plantas diferentes. Para comparação, a maior parte dos alimentos agrícolas atualmente produzidos no mundo provém de apenas 20 espécies diferentes, maioritariamente plantadas em regime de monocultura e nenhuma delas é perene.

3. **Grandes grupos** – Apesar de as espécies presentes e as pro-

porções serem muito diferentes de região para região, os mesmos quatro tipos de plantas estavam presentes em todas as pradarias.

Conclusão – Aprendendo a Cultivar Com a Natureza

Mais do que formar uma opinião sobre quando iremos ter problemas sérios de falta de alimentos – problemas sérios de aumento de preço de alimentos por escassez já estão a ocorrer – o que pretendemos neste artigo é chamar a atenção para como a nossa perspetiva em relação à Natureza pode ser alterada. E como, quando o homem aceita essa perspetiva de aprendizagem com a Natureza, surgem boas ideias.

Como mencionámos no artigo anterior, a abordagem tradicional do homem ao longo dos últimos séculos tem sido a de saber como

podemos extrair mais da Natureza, enquanto a Biomimética, pelo contrário, está orientada para entender aquilo que podemos aprender com a Criação de Deus, para podermos aproximar-nos tanto quanto possível nesta Terra – de forma muito imperfeita e temporária – do ideal no jardim do Éden.

O plano original de Deus era uma simbiose perfeita entre o homem e a Natureza. “E tomou o SENHOR Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar” (Gênesis 2:15).

O sentido do hebraico original do texto bíblico de Gênesis 1:28 “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra” não implica apenas o sentido literal de multiplicação, mas tem o sentido de completar. Dizem os especialistas em hebraico que o texto poderia ser parafraseado por “Frutificai e multiplicai-vos, e **completai** a Terra”.¹¹

Que conceito bonito e perfeito. O homem a completar a Terra criada por Deus para uma vida eterna de felicidade! ♡

• Miguel Mateus

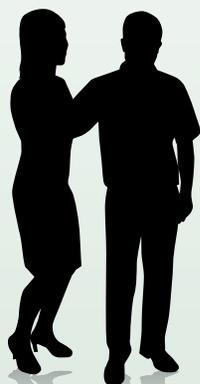
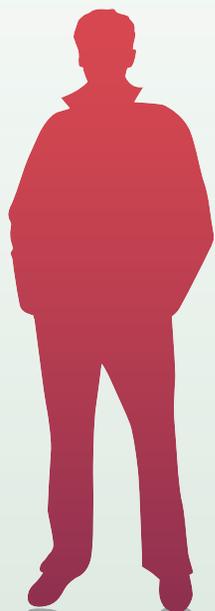
Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica;
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration

1. Adaptado de Morton, Oliver, “Eating the Sun – How Plants Power the Planet”, Harper Perennial, 2007, em Português poderia ser traduzido por: “Devorando o Sol – Como as Plantas Dão Energia ao Planeta.”
2. Citado no SDA Bible Commentary, v. 6, p. 1062.
3. Adaptado de Benyus, Janine, “Biomimicry”, Harper, 1997, em Português: “Biomimetismo.”
4. Morton, Oliver, *op. cit.*
5. Os ensaios foram publicados em dois livros, conhecidos como *Primeiro ensaio* e *Segundo ensaio*. www.wikipedia.org. A figura é reproduzida do site <http://www.geomundo.com.br/geografia-30186.htm>.
6. Meadows, Donella, “Limits to Growth”, 1972, Signet.
7. Meadows, Donella, “Limits to Growth: The 30-Year Update”, 2004, Signet.
8. Fonte: www.wikipedia.org, consultado em 25 de fevereiro de 2012.
9. Dados apresentados em Benyus, Janine, *op. cit.*, p. 19.
10. Trabalho relatado em Benyus, Janine, *idem*, pp. 25 a 27.
11. Lição da Escola Sabatina de 23 de fevereiro de 2012.



O Remanescente no Fim dos

Quais são as implicações práticas deste conceito teológico?



O conceito do remanescente tem um longo historial bíblico, começando em Génesis (6:9; 7:23) até ao livro de Apocalipse (12:17). É fundamental para a compreensão da natureza do povo de Deus e da Sua intenção divina para eles. No centro deste conceito bíblico reside um interesse profundo na preservação da vida humana. No mundo antigo, as famílias, tribos e nações eram frequentemente ameaçadas pela possibilidade de extermínio através de ataques militares ou de outras catástrofes. Consequentemente, era natural colocar-se a questão da sobrevivência. Se somente uns poucos sobrevivessem – um remanescente – o grupo não seria ex-

terminado. Todos os esforços eram feitos para assegurar que um remanescente deles ficaria na Terra.

Importância Teológica

Perspetiva do Velho Testamento: No Velho Testamento, o conceito de remanescente estava imbuído de um importante conteúdo teológico. Estava incorporado no conflito cósmico, e chegou a expressar a certeza de que neste conflito cósmico Deus será vitorioso. As forças do Mal tentaram exterminar o povo de Deus, a semente da mulher (Gén. 3:15), e, por vezes, parecia que tinham sucesso ao enganar, corromper e perseguir uma parte do povo de Deus. Todavia, Deus sempre preservou

um remanescente. Através destes fiéis, a Sua intenção divina foi realizada no fluxo da História. Eles eram preservados pela Sua graça salvadora. A maioria das vezes, isso acontecia em meio à apostasia nacional (p. ex., Gén. 7:23; I Reis 19:14; Apoc. 2:24). Quando a verdade era rejeitada, Deus preservava um remanescente através do qual a verdade era protegida e restaurada.

Perspetiva Cristológica: O remanescente está profundamente ligado à pessoa e ao trabalho de Jesus Cristo. Embora o povo de Deus seja parte da semente da mulher (Apoc. 12:17; Rom. 16:20), Jesus é a Semente da mulher; eles são a Sua descendência, mas Ele é o Filho da

de Deus Tempos



promessa (Apoc. 12:5). Ele é a expressão máxima do remanescente. Ele veio a um mundo de rebelião e pecado, manteve-Se absolutamente leal a Deus e venceu permanentemente as forças cósmicas do Mal. Jesus foi o instrumento majestoso de Deus para revelar ao Universo a verdade sobre o caráter amoroso de Deus. N'Ele e através d'Ele Deus preservou a raça humana. Portanto, a identidade e o trabalho do povo remanescente de Deus é determinado e centrado na pessoa e no trabalho do Filho de Deus.

Os Adventistas e o Remanescente de Deus do Tempo do Fim

Os Adventistas acreditam que Deus os suscitou no desfecho do conflito cósmico como um movimento de reforma para preparar o mundo para o regresso de Cristo. Eles encontraram em Apocalipse 12-14 a sua identidade como o remanescente de Deus do tempo do fim, a sua mensagem e a sua missão. O conceito de remanescente desempenha um papel importante em Apocalipse e encontra a sua expressão através de uma terminologia diferente. Eles são chamados especificamente “o remanescente/o resto” (12:17). A palavra grega utilizada por João é

loipos e designa aquele que pertence “a uma parte de um todo que permanece ou continua e, portanto, constituem o resto de um todo – 'resto, remanescente, o que resta, outro’”.¹ Em Apocalipse designa, entre outras coisas, o remanescente na igreja de Sardó (3:2) e o fiel remanescente em Tiatira (2:24).²

Remanescente Histórico: Segundo o Apocalipse, o remanescente é uma entidade histórica. Apocalipse 12 apresenta um resumo profético da experiência da Igreja Cristã. O dragão ataca primeiro o Filho de Deus (12:2, 4 e 5) e depois ataca a

Os Adventistas acreditam que Deus os suscitou no desfecho do conflito cósmico como um movimento de reforma para preparar o mundo para o regresso de Cristo.

mulher, a Igreja, numa tentativa de a destruir (12:13). Como resultado, o verdadeiro povo de Deus passa à clandestinidade e é protegido por Deus (12:14-16). Os 1260 dias designam um período durante o qual a Igreja experimentou a apostasia, impondo os seus pontos de vista aos outros através do poder civil (ver Atos 20:29 e 30; II Tes. 2:2-6; Dan. 7:25; 8:12). Os Reformadores tentaram restaurar a verdade bíblica, mas infelizmente a sua tarefa ficou incompleta. Outras verdades bíblicas necessitavam de ser res-

tauradas. Perto do final do conflito permanece um remanescente, e eles tornam-se no objeto do ataque do dragão (Apoc. 12:17).

Remanescente Visível: Segundo o Apocalipse, o remanescente no fim dos tempos é identificável, visível. Possui algumas características específicas. *Primeiro*, eles guardam os mandamentos de Deus (12:17; 14:12). A referência é, principalmente, ao Decálogo. O assunto central neste conflito diz respeito à questão da adoração: quem deveriam os humanos adorar (14:7)? Desde que a lei de Deus foi alterada (ver Dan. 7:25), é necessário restaurá-la. O Sábado do sétimo dia deve ser reintegrado no Decálogo. Os seres humanos necessitam de compreender que a apostasia deixa a Igreja vulnerável a um maior engano demoníaco (Apoc. 13:13 e 14; 16:13 e 14). O remanescente, dependente da graça de Deus, guarda os Seus Mandamentos. *Segundo*, eles têm o testemunho de Jesus (Apoc. 12:17). O testemunho de Jesus é identificado como o dom de profecia (19:10). Os dons espirituais, incluindo o dom de profecia, deve-

riam ser encontrados entre o povo remanescente de Deus no tempo do fim. O dom de profecia foi, poderosa e especificamente, manifestado entre nós no ministério de Ellen G. White, embora ainda esperemos o glorioso cumprimento de Joel 2:28 e 29.

O remanescente é igualmente caracterizado por ter a fé de Jesus (Apoc. 14:12), isto é, adotar os ensinamentos de Jesus com base num compromisso de fé com Ele. É da responsabilidade do povo de Deus do tempo do fim chamar o mundo de

IGREJA DE CRISTO DO TEMPO DO FIM

Remanescente do Tempo do Fim

Visível

Guarda os Mandamentos de Deus
Tem o testemunho/fé de Jesus
Tem a paciência dos Santos

Igreja Universal

Invisível

Em Babilônia/Outras ovelhas
Saem

Juntos constituirão a união da Igreja
Totalidade do Remanescente Escatológico



volta aos ensinamentos bíblicos de Jesus e dos Seus apóstolos. *Finalmente*, o remanescente tem a paciência dos santos (14:12). “Paciência” significa aqui “resistência, persistência”. Num momento em que o engano prevalece e a apostasia parece predominar, o remanescente resiste aos constantes ataques do inimigo e permanece dedicado ao amado Salvador.

Missão do Remanescente: O remanescente também tem uma missão particular, que corresponde à missão do movimento Adventista (Apoc. 14:6-12). No centro da sua proclamação está o Evangelho eterno. É necessário que seja ouvido novamente no desfecho do conflito, no contexto do juízo final. Eles chamam os seres humanos a adorar o Deus Criador, e não o dragão e os seus aliados (14:7). Faz parte da sua missão proclamar que a apostasia do mundo Cristão atingirá dimensões globais, mas que não será capaz de oferecer a salvação que prometeu. Irá, finalmente, desmoronar debaixo do seu próprio peso de engano (14:8). O remanescente anuncia que aqueles que adoram a besta e que se identificam com aquilo que ela promove, serão derrotados (14:9-11). Através do remanescente, Deus está a reunir o Seu povo de cada tribo, povo e língua. As características mencionadas acima, assim como a missão de

que falamos, definem quem somos e identificam o movimento Adventista com o remanescente de Deus histórico e fiel.

O Remanescente e a Igreja Cristã

O povo de Deus em Babilônia: Deus tem um povo, na Babilônia figurativa, e é a nossa missão chamá-los para fazerem parte do remanescente escatológico de Deus no tempo do fim (18:4). Estes são Cristãos sinceros que servem o Senhor, em denominações cristãs diferentes e até entre as religiões mundiais. Eles fazem parte da Igreja de Cristo. No presente, eles não são um grupo visível; isto é, eles não têm as características do remanescente, mas é plano de Deus retirá-los da sua invisibilidade através da missão do Seu povo remanescente. Podemos, então, sugerir que a totalidade da Igreja de Cristo é constituída por um povo remanescente visível, histórico, que possui características específicas, mas também por crentes leais que ainda estão em Babilônia, no exílio. Eles necessitam de ouvir a mensagem do remanescente de modo a reafirmarem o seu compromisso à verdade bíblica e não a serem enganados pelo dragão e os seus aliados.

A Totalidade do Remanescente: Esta compreensão de remanes-

cente não deixa espaço ao exclusivismo. Uma vez que, no tempo presente, a Igreja é maior do que o remanescente, este não pode proclamar o exclusivismo eclesial. Deus também está ativo fora do remanescente. Consequentemente, existe salvação fora do remanescente – isto não é exclusivismo soteriológico. Como já indicamos, o componente invisível da Igreja de Cristo, a que Jesus chamou “outras ovelhas que não são deste aprisco” (João 10:16), precisa de ouvir a mensagem do remanescente. Então, algo maravilhoso e glorioso acontecerá. À medida que o conflito cósmico chega ao fim, a expectativa escatológica da união da totalidade da Igreja de Cristo será uma realidade. O remanescente e aqueles que sairão de Babilônia constituirão a totalidade do remanescente escatológico de Deus. O povo de Deus de cada tribo, nação e língua “dará voz a um grande testemunho final ao mundo”.³ As forças do Mal “vão fazer guerra contra o Cordeiro, mas o Cordeiro vencê-los-á porque Ele é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis – e com Ele estarão os Seus seguidores chamados, escolhidos e fiéis!” (Apoc. 17:14). *Maranata!* ❖

• **Angel Manuel Rodríguez,**
diretor do Biblical Research Institute
(Instituto de Pesquisa Bíblica)

1. Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*, 2 vols., United Bible Societies, Nova Iorque, 1989, vol. 1, p. 613. Ver também Frederick William Danker, *A Greek-English Lexicon of the NT and Other Early Christian Literature*, Chicago University Press, Chicago, 2000, p. 602, que afirma que *loipos* se refere “àquilo que sobra, especialmente depois da ação ter sido realizada”.

2. Para uma discussão mais detalhada, consulte Ekkehardt Mueller, “The End-Time Remnant in Revelation” in *Journal of the Adventist Theological Society* 11, 2000, pp. 188 e 189.

3. Jon Paulien, “Eschatology and Adventist Self-Understanding” in *Lutheran and Adventists in Conversations: Report and Papers Presented 1994-1998*, General Conference of the Seventh-day Adventists, Silver Spring, Md., 2000; Lutheran World Federation, Genebra, Suíça, 2000, p. 237.



Paolo Benini,
dirigente da Missão Adventista
da Divisão Euro-Africana

Entrevista

Por Júlio Carlos Santos



Congresso Europeu de Leigos Sobre Missão

P: Pastor Paolo, pode dar-nos uma perspetiva geral acerca deste Congresso Europeu Sobre Missão?

R: Gostava de chamar a este congresso “Festa da Missão”. Isto porque nesta reunião gostávamos de celebrar a forma como o Senhor está a atuar hoje em favor do Seu reino, e o grande privilégio de fazer parte dos Seus planos.

Será uma festa de irmãos e irmãs de toda a Europa, que se vão encontrar no cenário de uma das histórias mais marcantes de fé e luta pelo Evangelho: os vales dos Valdenses do Piemonte.

Eles vão poder partilhar as suas experiências relacionadas com o testemunho da salvação em Cristo, o serviço que prestam à Igreja, pelos outros, pelo ambiente. Haverá diferentes tipos de reuniões: plenários, *workshops*, *stands* e diferentes atividades.

Será uma reunião de irmãos e irmãs de diferentes línguas, culturas e etnias, com a participação de pessoas que, através da sua presença, enriqueceram as nossas igrejas e as nossas experiências: de Portugal à Áustria, da Roménia à Espanha, da França à Bulgária, da República Checa e da Eslováquia à Suíça, Alemanha e Itália.

P: Quais são os objetivos fundamentais?

R: Quando pensámos nesta reunião, tínhamos em mente alguns objetivos, mas quando estávamos a fazer planos vieram-nos à mente mais alguns:

1. Criar oportunidades de intercâmbio, partilha e comparação de experiências na missão, na proclamação de Cristo na nossa Europa secularizada.

2. Dar possibilidade à reflexão sobre formas de proclamar o Evangelho nos contextos do nosso continente.

3. Promover a visão de um envolvimento ativo e bem-sucedido como discípulos de Jesus Cristo numa sociedade que tenta cada vez mais tornar a fé e os valores bíblicos anacrónicos.

4. Arranjar ideias e ferramentas para apresentar o Evangelho e ir ao encontro das necessidades dos homens e das mulheres dos nossos dias.

P: O que se espera de cada União?

R: Penso que teremos uma excelente oportunidade para trabalharmos em conjunto, para conhecer irmãos e irmãs de muitos países da Europa. Este é talvez um dos primeiros eventos em que os membros da nossa Igreja de diferentes línguas, culturas e antecedentes culturais, assim como as inúmeras diferentes realidades europeias, se vão encontrar para celebrarem o serviço e a fé.

Em cada União estão certamente a ter lugar experiências e eventos de fé no campo do testemunho e do serviço. Pedimos um relatório a

cada União e já estamos a recolher essas histórias e testemunhos que estão a acontecer na nossa pequena realidade. São histórias de pessoas que se estão a aproximar da Igreja através do testemunho de irmãos que vivem um discipulado ativo.

Será uma oportunidade para refletir sobre como é que o Senhor quer que nós levemos o conhecimento do Evangelho aos nossos amigos, às pessoas da nossa cidade.

Será uma oportunidade de nos aproximarmos uns dos outros, num território com muitas línguas, e, muitas vezes, tão dividido e antagónico por causa disso.

P: Quantos oradores estarão presentes e em que consiste o programa?

R: Esta reunião está planeada de forma a que não haja palestras apresentadas por especialistas, mas por pessoas que estão envolvidas como protagonistas. Isto aplica-se tanto às reuniões em plenário como aos grupos de trabalho. Os protagonistas não são os grandes evangelistas, mas todos aqueles “membros-discípulos” que fazem parte das nossas igrejas e que servem o Senhor com paixão, alegria e lealdade.

Teremos algumas pregações de pastores que desempenham um papel representativo na nossa Igreja: o pastor Bruno Vertallier, Presidente da nossa Divisão, o pastor Gary Krause, Diretor da Missão Adventista e o pastor Ted Wilson, Presidente da Conferência Geral.

O programa estará pronto em abril, quando teremos uma ideia das diferentes histórias e experiências que farão parte da agenda. ✨

Informação: Os dados respeitantes ao itinerário da viagem e ao programa serão inseridos na RA de maio.

I Convenção da Geração Adventista em Missão

Decorreu no passado mês de fevereiro, de 17 a 21, na cidade de Aveiro, a I Convenção “Geração Adventista em Missão”.

Este movimento de apoio à Igreja tem como objetivo organizar e mobilizar os jovens e jovens adultos que desejam estar totalmente comprometidos com a distinta mensagem e missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.



O palestrante principal nesta I Convenção foi o Pr. Stephen Bohr, residente na Califórnia, EUA, que falou acerca do Pentecostes e do derramamento do Espírito Santo. Outros palestrantes convidados foram Rivelino Montenegro, um cientista brasileiro radicado na Alemanha, que tratou da relação entre Bíblia e Ciência, e o irmão Daniel Spencer, que abordou o assunto do bom e mau entretenimento.

Os Pastores Eduardo Teixeira e Rui Bastos, Presidente e Diretor de Jovens da UPASD, respetivamente, estiveram presentes, em diferentes momentos, como convidados observadores para o evento.

A I Convenção contou com quase 300 participantes. Nos serviços de Sábado, estiveram presentes cerca de 600 pessoas. O evento foi transmitido *online*, per-

mitindo assim que centenas de outras pessoas de quatro continentes diferentes também pudessem seguir o programa.

A saída missionária, no quarto dia, com



contactos de rua e porta a porta nos locais mais próximos da igreja de Aveiro, foi um dos pontos de maior destaque no evento, pois resultou em 860 folhetos distribuídos, 250 Bíblias oferecidas e 46 pessoas inscritas para estudos bíblicos. A igreja local é agora responsável por acompanhar estas pessoas e famílias, para o que organizou de imediato um programa evangelisti-



co que decorreu durante o mês de março.

Entre os seminários que decorreram durante a Convenção, “O Poder da Oração



em União”, dirigido por Raluca Stefan, colaboradora do *Hope Channel* na Roménia, foi imensamente apreciado e valorizado por todos, e tem inspirado os jovens a refletirem no local onde estão o que ali aprenderam e praticaram.

Aguarda-se, como resposta, um saudável espírito de reavivamento, uma vez que os participantes foram encorajados a



envolver-se ainda mais como seguidores de Jesus nas suas igrejas locais, escolas, empregos e famílias.

A II Convenção “Geração Adventista em Missão” está prevista para fevereiro de 2013.

A Direção do “Geração Adventista em Missão”

Vila Nova de Gaia

Batismo

No sábado, dia 19 de novembro de 2011, a igreja de Vila Nova de Gaia viveu momentos de muita alegria ao ver descer às águas batismas a nossa irmã Isolina Ribeiro que, depois de muitos anos afastada, voltou ao lar para consolidar o seu compromisso com Cristo.

Queremos dar uma palavra de apreço à Igreja do Porto pela forma como nos acolheu para realizar estes momentos de festa, em que, acreditamos, os anjos mais uma vez cantaram glória lá nos Céus.

Anastácio Moreira
Departamento de Evangelismo

Igreja Viva

Situada entre os rios Tâmega e Douro, perto de Marco de Canavezes, de Baião e de Castelões (Vila Meã), a igreja de Alpendurada é formada, também, por crenças destas localidades que, firmes como a pedra que é o *ex-libris* de Alpendurada, procuram firmar a sua fé na Pedra Angular, Jesus Cristo.

Durante o passado ano de 2011, a igreja viveu um acontecimento triste e muitos alegres, tal como a vida!



No dia 16 de abril acompanhámos à sepultura a irmã Margarida de Jesus Monteiro que, com a idade de oitenta e sete anos, terminou a sua peregrinação.

A irmã Margarida e o seu marido, irmão Manuel Silva, também já falecido, batizados em 1976, faziam parte da primeira família adventista residente em Alpendurada. À família reiteramos a esperança do reencontro com Cristo e com os nossos queridos.

A pequena igreja perdeu um membro, mas, em 12 de fevereiro, pela graça de Deus, já tinha ganhado um novo, o Pedro Filipe, um jovem de dezoito anos, de Marco de Canavezes, que decidiu entregar-se a Cristo através do batismo.



Também outro jovem, o Valter Diogo, está a preparar-se para o batismo e, já no Impacto 2011, em Mirandela, manifestou o desejo veemente de se batizar. Oremos por este jovem, único crente adventista na freguesia de Campelos, Baião, e pela sua família.

Conscientes da importância do Evangelismo Infantil, em julho realizámos uma Escola Cristã de Férias que contou com uma média de presenças de vinte e quatro crianças. Agradecemos a Deus pelo trabalho efetuado e procuramos dar continuidade ao mesmo, tendo como objetivo a vida eterna destes jovens.

A delegação da ADRA local também se tem desdobrado em atividades, tanto de auxílio direto a famílias carenciadas



como participando em ações sociais a convite da Câmara Municipal de Marco de Canavezes.



Nesta região situam-se as ruínas da cidade romana de Tongobriga e, em setembro, todos os membros de igreja e alguns jovens que nos visitam puderam usufruir de uma visita guiada e compreender melhor a vida quotidiana de uma *civitas* na Ibéria, na época de S. Paulo.

Pedimos as orações pela igreja de Alpendurada e pelo trabalho em Castelões, Vila Meã, que, uma vez mais, se apresenta difícil aos olhos humanos. Confiamos que a mensagem adventista que ali foi pregada pela primeira vez em 1906, pelo pastor Clarence Rentfro, continuará a produzir frutos para a vida eterna.



Maria de Fátima Vieira Pinheiro Silva, secretária da Igreja em 2011

Retiro de Jovens

De 17 a 21 de fevereiro, a igreja do Porto realizou em Alpendurada mais um Retiro de Jovens.

O Sábado foi passado na igreja. Para muitos jovens, foi a primeira vez que entraram na bonita igreja de Alpendurada, onde o irmão Tony Conceição, dirigente dos Desbravadores, fez o culto.

O local onde se realizaram as atividades deste retiro, cedido gentilmente pela irmã Rosinha, é fantástico. Os jovens e a Igreja do Porto agradecem o apoio.



Projeto Renascer no Lapi-Norte

O Projeto Renascer vai recomençar as suas atividades, após ter estado algum tempo menos ativo.

A nossa primeira atividade foi realizada no sábado, dia 25 de fevereiro, no Lapi-Norte.

Os utentes da instituição gostaram muito de ter passado o Sábado com os jovens e irmãos da igreja do Porto.

É muito bom ver que os jovens e os irmãos mais antigos da igreja estão muito ativos na obra de Deus.

Que o Senhor conceda muita sabedoria e alegria a todos os que desejam fazer deste Projeto um meio de dar a conhecer o Amor de Deus aos outros.

Álvaro Bastos
Dep. Rel. Públicas



A Igreja é Minha

A razão que não
está relacionada
com o edifício

“A Igreja é minha!” Eu estava em pé, ao fundo das escadas, que conduziam para a galeria da igreja, com a minha cara de 4 anos toda franzida pela frustração. “Pertence-me!”

A mulher irritada, à minha frente, estava a tentar convencer-me de que a igreja não era só minha. A igreja era para *todos* os membros. Mas eu discordava. O meu pai era o pastor e entrava no edifício da igreja cada vez que precisava, por isso, na minha cabeça, ele era o proprietário da igreja. Isto significava que a minha família era a proprietária da igreja. Então, a igreja era *minha*.

Os meus pais acabaram por chegar a meio da cena e explicaram-me que a igreja não me pertencia, nem mesmo à minha família imediata. Era, como a bem-intencionada irmã na igreja tinha tentado dizer-me, para *todos* os seus membros.

Rio-me ao pensar nesta história. A minha mente tinha sido “formatada” – incorretamente, claro está – mas “formatada”. Mas, pensem nisto numa perspetiva diferente. Tinha que haver algo naquela igreja que me dava vontade de a querer para mim – algo que me fazia desejar que fosse *minha*.

O Que Eu Gostava Naquele Tempo

Se me perguntassem, naquele momento, do que é que gostava na minha igreja, tenho a certeza de que a minha entusiástica primeira resposta teria sido: “Escola Sabatina!” Eu gostava muito da Escola Sabatina. Cada semana, a mo-

nitona guiava-nos através de uma rotina definida. Os meus pequenos amigos e eu sabíamos o que esperar, e ansiávamos por esse momento. Ainda recordo algumas partes do programa...

Havia um grande quadro de feltro na parede da sala. A monitora contava-nos uma história bíblica, cada semana e, à medida que introduzia uma nova personagem na história, ela perguntava: “Então, quem é que quer colocar Moisés [ou Jonas, ou o burro, ou ...] no quadro?”

Pequenas mãos esvoaçavam no ar. “Eu quero! Eu quero!”

“Ok, Jonathan. Porque não me ajudas desta vez?”, respondia a monitora calmamente. “Jason, és o próximo.”

A monitora também nos contava uma história missionária cada semana. Mas não ficávamos só sentados a ouvir. Tínhamos de nos mascarar. Eu vestia-me como uma enfermeira missionária, com um avental azul e um chapéu branco, enquanto a minha melhor amiga se vestia como uma médica missionária, com um estetoscópio à volta do pescoço.

O momento mais memorável da Escola Sabatina talvez fosse a música. Ainda me lembro de algumas músicas que cantávamos – uma em particular. A monitora distribuía chapéus-de-chuva de plástico, tamanho infantil, e cantávamos todos: “A chuva cai, ping, ping, ping, pang, ping, ping, ping, pang, ping, ping, ping, pang. A chuva cai, ping, ping, ping, pang, mostra que Deus é amor!” E as gotas caíam mesmo... de um borrifador de água.

Aqueles dias na Escola Sabatina foram a minha introdução à aprendizagem sobre Jesus, na companhia da minha família da igreja. Eu não o sabia naquele momento, mas estava a aprender a apreciar as bênçãos do companheirismo. E é uma lição que guardo dentro de mim.

O Que Eu Gosto Agora

Hoje sou uma mulher de vinte e poucos anos, que cresceu como Adventista e permaneceu na igreja. Se me encontrarem hoje e me perguntarem do que é que gosto na minha igreja, vão ouvir uma resposta sincera: “Gosto das pessoas!”

Frequento uma igreja muito diversificada. Temos membros de diferentes nacionalidades, incluindo do Quênia, da Inglaterra, de Barbados, de Samoa, de Santa Lúcia, das Filipinas, da Jamaica, da Alemanha, da República Dominicana, dos Camarões, do Vietname e de Porto Rico. Mas a diversidade vai além da raça, tocando também as ocupações, os costumes e as idas

O meu relacionamento com Cristo tem crescido forte, em parte devido ao facto de pertencer a uma família da igreja tão calorosa e acolhedora.

des. A nossa congregação inclui médicos, professores, empregados de fábrica, advogados, secretárias, homens de negócios e zeladores. Aos olhos do mundo, a diversidade na minha igreja poderia resultar em discriminação. E, no entanto, a minha igreja, seguindo as pegadas de Jesus, não sente necessidade de discriminar. Oramos todos juntos, cantamos juntos e estudamos juntos. Vemo-nos como iguais, porque, apesar dos nossos diferentes passados, acreditamos todos no mesmo Deus. Nós sabemos que, em Cristo, somos todos irmãos e irmãs.

O meu relacionamento com Cristo tem crescido forte, em parte devido ao facto de pertencer a

uma família da igreja tão calorosa e acolhedora. Observei como vários membros recebiam um sem-abrigo em casa para lhe oferecerem uma refeição. Observei como os membros mais idosos da igreja conversam e riem com os adolescentes. E não posso deixar de pensar que deve haver algo de bom nesta igreja. Isto não quer dizer que seja perfeita.

Desentendimentos – fortes – surgem. Os sentimentos são feridos. Mas, ao longo do tempo, tenho visto as arestas duras serem limadas e as feridas emocionais curadas, porque, por fim, os lembretes de Deus sobre o perdão e a demonstração da graça, fazem efeito. E então sou relembrada, mais uma vez, da razão pela qual amo a Igreja Adventista: estamos unidos como um só corpo no amor de Cristo.

Ainda digo que a minha igreja é “minha”. Mas o meu quadro mental mudou um pouco ao longo dos últimos 18 anos. Sim, eu sei que o edifício não me pertence. Percebo perfeitamente que o edifício é, na realidade, para *todos* os membros da igreja poderem adorar Deus. Mas, hoje em dia, a razão pela qual vejo a igreja como minha não tem nada a ver com o edifício. Está inteiramente relacionada com as pessoas – pessoas que estão a crescer juntas em Cristo.

Dentro de algumas semanas, a minha família vai mudar-se para uma nova igreja. Há alguns dias, falei sobre a mudança com um membro da igreja atual. Ela disse-me: “Bem, vais ter que voltar para nos visitar – somos a tua família da igreja!”

Veem? Até ela concorda que a igreja – bom, digamos que é a família da igreja – é *minha*. ♡

• **Gillian Sanner**,
estudante na Andrews
University, Berrien
Springs, Michigan, EUA





Aliança em ação

Hora de Semear

Aliança é um projeto que, desde 1990, evangeliza Portugal de lés a lés, com um grupo de jovens homens e mulheres que interiorizam, há muito, os tempos solenes em que vivem e que pretendem “apenas” dizer “Eis-me aqui, envia-me a mim”.

Desde 2010, o grupo foi convidado a trabalhar em parceria com a Administração da UPASD, no sentido de ser uma mais-valia com a sua experiência na área de evangelização de rua. Em simultâneo, a UPASD e as igrejas locais enriqueceram ainda mais o Projeto Aliança. Em boa hora foi estabelecida esta parceria.

Durante um ano, o grupo Aliança envolve-se e compromete-se com a igreja local para onde é chamado. Todos os retiros espirituais e de trabalho passam a ter lugar

Projeto *Rio Maior*

nessa região. Entre março e julho desenvolvem-se atividades como *workshops*/ateliês para formação de jovens e adultos em áreas como música, fantoches, representação ou expressão plástica. Em agosto, realiza-se a grande atividade durante 15 dias e logo após este evento sucedem-se os seminários. Ao terminar o ano de trabalho evangelístico é apresentado um Concerto de Natal.

Se o projeto Peniche 2010 foi excelente para o Aliança e, acreditamos, para a igreja local, sem dúvida que Rio Maior 2011 foi fantástico para as duas partes, mas em particular para a igreja local.

A 1 de agosto o grupo foi invadindo Rio Maior e instalou-se no pavilhão cedido para o efeito pela DESMOR – empresa pública municipal. Ao terceiro dia, e durante três dias, a atividade Saúde & Bem-estar, com o apoio da AIT (Associação Internacional de Temperança), realizou uma Exposaúde para adultos. O grupo de 32 voluntários, composto por enfermeiros, estudantes da área da saúde e elementos com formação especializada, realizou cento e sessenta e um rastreios. O público que chegava à receção fazia a sua inscrição gratuitamente, recebia uma folha de registo e alguma literatura útil. De seguida, realizava uma sequência de rastreios integrados nos seguintes postos: Temperança, Luz solar, Nutrição, Ar puro, Exercício físico, Água, Descanso, Confiança e Aconselhamento. No percurso, na banca vegetariana, era convidado a provar alguns alimentos, previamente preparados. No dia 7, os rastreios dirigiram-se para as crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. O programa incluía o rastreio oral e ateliês de cozinha, de saúde oral e de expressão plástica. Cada criança, ao inscrever-se, de acordo com a sua idade, recebia



uma ficha onde era registada a sua participação e se atingia ou não os objetivos propostos. Quarenta e oito crianças foram inscritas, tendo trinta e nove concluído o programa de rastreio. Outras crianças, com idades não abrangidas pelos rastreios, participaram em alguns ateliês à margem da inscrição. Pais e/ou acompanhantes das crianças, em simultâneo, efetuaram alguns rastreios (tensão arterial, diabetes e colesterol). Às crianças inscritas e que concluíram o rastreio foi entregue um certificado “A minha Ficha de Saúde”. Foi solicitado aos visitantes a escolha de cursos e/ou seminários e a resposta traduziu-se no seguinte: 106 no seminário “Força para Viver”; 107 no seminário “Relações Familiares”; 97 no seminário “Controlo e Gestão do Stresse” e 106 no seminário “Nutrição e Cozinha Saudável”.

A 8 de agosto, e durante quatro dias, iniciaram-se as atividades da “Oficina da Criança”, destinadas às crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos. A atividade começava com todos os participantes num único grupo dinamizado por dois animadores e um músico, interpretando algumas músicas infantis acompanhadas de expressão corporal, seguindo-se o momento “Conta História” que constou, este ano, de três his-

tórias contadas com fantoches de luva e uma com representação. Após este momento, as crianças dividiam-se pelos diferentes ateliês – Expressão Plástica (Origamis, Caixinhas de Sons, (Re)criando no Jardim, Com Pés e Cabeça, Gira a Cor, Arcolândia, Verde sobre Verde, Arquitetar, ...); e Pintura Facial. Para terminar, todo o grupo voltava a reunir-se sendo animado com pequenas representações e música dinamizada pelos mesmos animadores.

Tivemos quatro grupos de participantes (dos 3 e 4 anos, dos 5 e 6 anos, dos 7 a 9 anos e dos 10 e maiores de 10 anos) e as atividades, em função das faixas etárias, procuraram adequar-se a cada uma delas. Cada grupo de crianças realizava diariamente dois ateliês onde concretizavam alguns trabalhos de expressão plástica e onde os mais velhos trabalhavam para uma instalação no jardim como mostra de trabalhos animando o espaço envolvente.

No final da atividade, e aquando do segundo Concerto musical (à noite), foi entregue um certificado de presença na Oficina da Criança que continha a fotografia da criança com os animadores e que foi oferecida por uma empresa local.

Cerca de 60 crianças participaram, diariamente, nesta atividade,



sendo que 16 das 39, que tinham já participado nos rastreios médicos, voltaram a estar connosco. Mais de uma centena de adultos (familiares das crianças e outros) acompanhou as atividades.

Entre os dias 10 e 12 de agosto estiveram envolvidos os trinta elementos do Grupo nos concertos de música. Cerca de 750 pessoas assistiram aos quatro concertos, todos eles com conteúdos diferentes.

O primeiro concerto, pela primeira vez na história da Associação, foi dedicado inteiramente às crianças. O público encheu por completo o espaço envolvente. Cerca de 80 crianças, assistiram ao espetáculo. Os dois concertos seguintes foram essencialmente musicais com gestos e algumas representações. Nos três primeiros concertos houve momentos musicais com a colaboração do público e um espaço dedicado às crianças que marcaram a diferença. As crianças presentes nos concertos foram presenteadas com algumas lembranças, como bandeiras e bonés. Em vários momentos, a tradução em **língua gestual** como meio de comunicação, foi realizada por dois elementos do grupo. O quarto concerto constou de uma representação dramática intitulada “Jesus Menino, Homem e Rei”.

Esta atividade teve o acolhimento e apoio da Câmara Municipal – Pelouro da Educação e a divulgação da imprensa local e regional, nomeadamente, pelos jornais “Região de Rio Maior” e “O Ribatejo”.





Agradecemos à Administração da UPASD e à Igreja Adventista do Sétimo Dia de Rio Maior e de S. João da Ribeira pelo apoio dado. A disponibilidade, o espírito de ajuda e o carinho que colocaram em todos os momentos foram gratificantes para todo o Grupo e contribuíram, decididamente, para o sucesso da atividade, permitindo alcançar e superar os objetivos traçados inicialmente.

Agradecemos, ainda, aos proprietários do Restaurante Vegetariano “Cantinho Saudável” pelo apoio desde a primeira hora.

Um agradecimento, por último, à população em geral que mais uma vez nos acompanhou, à semelhança do que tem acontecido em anos anteriores noutros lugares, encorajando-nos, aplaudindo a



iniciativa multidisciplinar, felicitando-nos pelo espírito de serviço e de entrega numa atividade em regime de completo voluntariado.

Hora de Celebrar

Durante 20 anos, o Aliança viveu a experiência da falta de continuidade no trabalho anual de evangelização de rua. Se, por um lado, as igrejas, normalmente, têm a dificuldade de conseguir uma bolsa de interessados para campanhas, seminários, cursos, por outro, quando o Aliança deixa um local ou região, ficam centenas de contactos, para os quais as igrejas, por razões até válidas, não têm capacidade de resposta.

Neste novo modelo de intervenção, procura-se que crianças, jovens e adultos sejam acompanhados e apoiados com seminários, cursos, concertos musicais e clubes de Tições e Desbravadores.

Neste sentido, após toda a atividade desenvolvida até finais de agosto, foi possível, a partir de setembro, realizar diferentes seminários com a colaboração da AIT. Assim, entre 6 e 8 de setembro, realizou-se o primeiro seminário, com uma média de 25 pessoas, sob a orientação e apresentação da Dr.^a Helena Canário. Este, designado seminário de “Nutrição e Cozinha Saudável”, à semelhança dos seguintes, realizou-se no auditório da Biblioteca Municipal, por

cedência da Câmara Municipal de Rio Maior. “Controlo e Gestão de Stresse” foi o segundo seminário apresentado pelo pastor Sidónio Lança e teve uma média de 28 presenças. De 11 a 13 de outubro, realizou-se o seminário “Relações Familiares” com a orientação do Dr. Daniel Esteves, e registou uma média de 26 pessoas. Para terminar o ciclo de seminários, de 25 a 27 do mesmo mês, o Pr. Sidónio Lança dinamizou o seminário “Força para Viver” com uma média de 21 pessoas. Para a dimensão da igreja local e da própria cidade, foi entusiasmante ver este número considerável de pessoas tomando contacto com a Igreja e, mais do que isso, ver, agora, um grupo alargado a reunir-se, quinzenalmente, no salão do Hotel Paulo VI, para um conjunto de estudos bíblicos. Louvado seja o Senhor! Agora o trabalho prossegue com o projeto “Jovens por Jesus”.

O trabalho de um ano de evangelização Aliança terminou com um concerto de Natal a 10 de dezembro, em que o grupo apresentou, no Cine Teatro de Rio Maior, perante uma plateia de cerca de 300 pessoas, a representação “Jesus, o Menino, o Homem e o Rei” agora com novas condições de luz e projeção, com um novo enquadramento e com o apoio de uma vintena de amigos convidados, com excelentes vozes recrutadas de norte a sul, sob a direção do maestro José Dias (Joaldi).

Neste novo ano, iremos realizar mais um projeto evangelístico, desta feita em Santarém. O mesmo objetivo, a mesma fé, a mesma certeza, a mesma confiança. Louvado seja Deus! É tempo de Semear, é tempo de Celebrar. Maranata, “Ora vem, Senhor Jesus!” 🌱

· José Botelho,
Relações Públicas

A Autoestima e o Cristão

Uma enorme multidão reúne-se ao redor de uma gigantesca estátua de ouro. O trono transportável do rei já chegou. Os músicos estão a tocar. Todos se prostram – todos exceto os três Hebreus oficiais do governo: Sadraque, Mesaque e Abednego. A notícia chega ao rei: os Hebreus desafiaram sua majestade.

O rei está furioso. Ele inclina-se: “Talvez não tenham percebido. Quando ouvirem a música (e nomeia cada instrumento como se quisesse ganhar tempo), devem prostrar-se perante a estátua. Fizeram isso de propósito? Precisam de outra oportunidade?” É completamente estranho ao caráter do rei Nabucodonosor falar com dissidentes. Mas ele lembra-os de que nenhum deus os pode livrar daquilo que ele prometeu fazer, e por isso têm que o fazer.

A resposta surge respeitosa-mente, implicando que ele deveria saber que isto aconteceria: ele conhecia-os, conhecia as suas crenças e conhecia a sua integridade. Ele tinha criado este confronto. Eles falaram-lhe como a um igual, não como ao seu rei. “Não necessitamos de te responder sobre este

negócio. Eis que o nosso Deus, a Quem nós servimos, é que nos pode livrar; Ele nos livrará do forno de fogo ardente, e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Daniel 3:16-18).

Agora deixem-me perguntar-vos: “Eles tinham autoestima?”

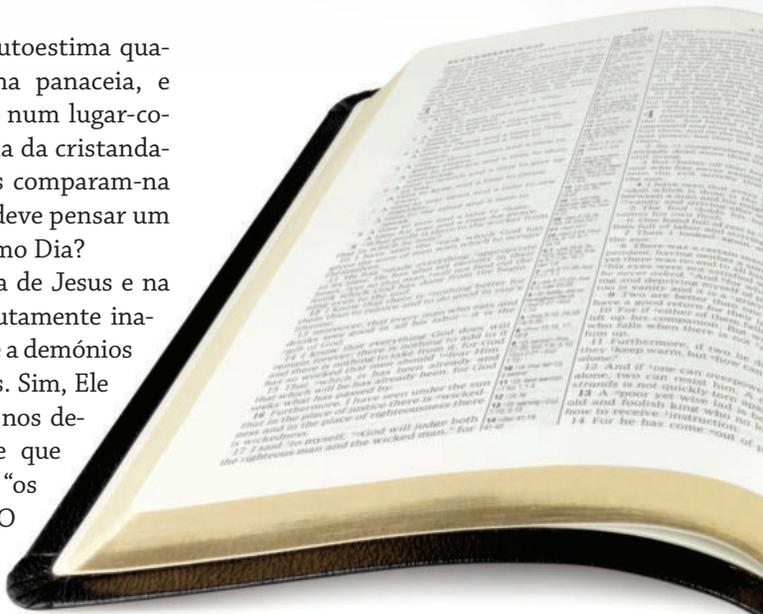
Alguns podem não ver nenhuma autoestima envolvida. Eles simplesmente conheciam Deus.

Será que Jesus Tinha Autoestima?

Atualmente, a autoestima quase se tornou numa panaceia, e também se tornou num lugar-comum para a maioria da cristandade. Muitos cristãos comparam-na ao orgulho. O que deve pensar um Adventista do Sétimo Dia?

Pense na ousadia de Jesus e na Sua coragem absolutamente inabalável, mesmo face a demónios e homens maldosos. Sim, Ele era Deus, mas não nos devemos esquecer de que Ele estava a calçar “os nossos sapatos”. O que é que O torna-va tão confiante?

O que é? Será que os Cristãos a devem possuir?



Um dia, reparei num aspeto incomum na história conhecida como a Santa Ceia, em João 13. “Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas Suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus, levantou-Se da ceia, tirou os vestidos, e, tomando uma toalha, cingiu-Se. Depois, deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (vs. 3-5). A primeira vez que li isto pensei: *Isto é estranho, toda esta conversa sobre de onde veio e para onde ia no meio da ação.* Li mais atentamente e reparei que é quase apresentada como a razão pela qual Ele fez o que fez.

Então compreendi. Era a razão pela qual Ele podia fazer o que fez: Ele sabia Quem era, e tinha algo muito importante para ensinar aos Seus discípulos. Porque sabia Quem era, podia fazer qualquer coisa e torná-la digna – até mesmo a tarefa do servo.

Era costume daquela época que, quando chegavam visitas a uma casa, o servo lavava a poeira dos seus pés. Como Jesus e os Seus discípulos estavam reclinados sobre a mesa, os seus pés estavam ao final dos divãs. Tipicamente, o servo dava a volta aos divãs para lavar os pés. Desta forma, os convidados eram limpos antes da refeição. Posso imaginar o que estavam todos a pensar, porque era óbvio que não estava ali nenhum servo.

Então, Aquele que era o maior entre todos, levantou-Se e ocupou o lugar do servo. Ficaram perplexos! Ele serviu-os, porque sabia Quem era. Ele sentia-Se seguro na Sua identidade. Ele estava a corrigir o conceito de autoestima deles.

A autoestima é um paradoxo para o cristão:

Quanta mais verdadeira autoestima tem, menos pensa que é bom cristão.

Quanto mais forte se torna, mais se apercebe das suas fraquezas.

Quanto melhor aparência tem, menos se importa com quem é que está a olhar.

Quanto mais autoestima tem, menos consciente de si mesmo está.

Há algum tempo fiz um anúncio na igreja que não tinha escrito previamente. Assim que me sentei, percebi que tinha falhado em ligar dois pontos que tinha mencionado, e, provavelmente, tinha passado uma ideia errada. Isso começou a dar voltas na minha cabeça, repreendendo-me por não ter anotado o anúncio. Soube naquele momento que a minha autoestima não estava na sua melhor condição. Quando a sua autoestima é boa, não vai andar às voltas na sua cabeça sobre quão bem ou quão mal fez algo. Já avançou para a próxima coisa que importa. Por isso, decidi eliminar esse pensamento da minha cabeça, sabendo que haveria uma hipótese de corrigir.

Por favor, entenda: Não faz mal banhar-se no brilho dos elogios, e deixá-los aquecerem-no. E é absolutamente necessário pensarmos o suficiente sobre os nossos erros para aprendermos com eles. Mas esses comportamentos são diferentes de ficar obcecado com o seu desempenho.

Aquilo Que Odiei Outrora, Agora Amo

“E dizia a todos: Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-Me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de Mim, perder a sua vida, a salvará. Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?” (Lucas 9:23-25)

Costumava não gostar desta passagem. Fazia-me sentir cul-

pado por gostar de mim mesmo. Acreditei que significava que nunca seria capaz de me sentir bem comigo mesma. Mas quando o meu irmão morreu num acidente de carro, eu recebi a sua Bíblia – a versão *New English Bible (Nova Versão Internacional)*. Um dia, na minha leitura voltei a Lucas 9. Desta vez, quando cheguei ao final da passagem foi diferente. Esta Bíblia dizia: “Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?” (v. 25, NVI). Tinha estudado na fa-



culdade sobre o verdadeiro Eu e o falso Eu. Se existia um “verdadeiro Eu” na Bíblia, então, também existia um “falso Eu” – o pseudo Eu. Comecei a ler a Bíblia de modo diferente. Mais tarde, reli Lucas 9 na minha leitura diária, e, desta vez, era como se fosse uma passagem diferente. Acredito que o Espírito Santo colocou os Seus óculos nos meus olhos, e isto foi o que li:

“Se alguém for o Meu seguidor, deve deitar fora a sua máscara. Dia após dia, deve pegar na sua imperfeição (as suas patologias, as suas feridas, a sua feiura) e vir até Mim.

Qualquer que tentar proteger a sua imagem está perdido, mas se um homem arriscar em nome do amor e da confiança e da autenticidade, esse homem (ou mulher) está salvo. O que poderá ganhar um homem (ou uma mulher) ao obter a aprovação e o respeito de todos se isso lhe custar a sua identidade?” (vs. 23-25, paráfrase do autor).

A pior passagem para mim tinha acabado de se tornar na minha favorita. Não tem que ver com o odiar-se a si mesmo; está relacionado com confiar n'Ele e amá-l'O



a Ele, e amar-se a si mesmo o suficiente para se tornar no verdadeiro Eu que Deus vê que conseguirá ser. Deus nunca nos pediu para fazermos as coisas de modo a parecermos bons. Ele pede-nos para sermos honestos, para sermos reais.

Aquilo que os discípulos pensavam que fosse autoestima era, na realidade, exaltação própria ou orgulho. Mas a verdadeira autoestima é sabermos quem somos. Obtemos este tipo de identidade ao sabermos a Quem pertencemos, que estamos seguros, que somos amados, que temos valor, que somos capazes. Ela

surge por estarmos ligados a uma família, ou pelo menos a uma outra pessoa. Estar ligado não é o mesmo que carecer. Estar ligado transmite-nos segurança. Transmite-nos confiança. Fortalece-nos. Satisfaz a nossa necessidade de pertença. É aquilo que cada criança necessita para sair do estágio de narcisismo natural da infância.

Deixem-me partilhar convosco algumas das minhas citações favoritas sobre autoestima. A primeira é o meu versículo favorito desde a infância, Romanos 8:28 (NVI): “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que O amam, dos que foram chamados de acordo com o Seu propósito.”

Claro que também devemos incluir I João 3:1 (NVI): “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de facto somos!”

Deus nunca nos pediu para parecermos melhores. Ele pede-nos para sermos autênticos.

“Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte na sua força, nem o rico na sua riqueza, mas quem se gloriar, glorie-se nisto: em compreender-Me e conhecer-Me” (Jer. 9:23 e 24, NVI).

“A sujeição a Deus é restauração do próprio ser – da verdadeira glória e dignidade do homem” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 398, ed. P. SerVir).

Ellen White escreveu estas palavras. E, desde o momento em que as descobri, tenho-me agarrado a elas. Levou 17 anos para Deus me ensinar esse tipo de submissão. Passo a passo, Ele tem-me revelado aquilo que tenho escondido d'Ele, e tem-me ligado a Ele para que possa confiar n'Ele inteiramente. Mas ainda só estou a começar a perceber isso plenamente. A melhor parte é que a sujeição/submissão a Ele não

retira nada de nós. Não perdemos nada de quem realmente somos no nosso Eu autêntico.

Será que os Cristãos Necessitam de Autoestima?

O que dizer então da autoestima quando se é um cristão? Está relacionada com o sabermos quem somos. É estar ligados a Deus confiando naquilo que Jesus nos revelou sobre Ele, e compreender isso corretamente. Precisamos de O conhecer como nosso papá. Precisamos de sentir o Seu amor. Precisamos de ser capazes de nos enroscar no Seu colo quando alguém nos fere, ou quando perdemos alguém, ou quando tivermos, simplesmente, um dia mau. Precisamos de aprender a ouvi-l'O falar connosco pessoalmente. Precisamos de saber que Ele não nos deixará escapar com coisas que nos magoam. Necessita-

mos de aprender a pensar como Ele e a desejar o mesmo que Ele. Precisamos de saber que Ele nunca nos abandonará.

Será que um Cristão necessita de autoestima? Penso que seja imperativo. Desde que a autoestima não seja a máscara da exaltação própria escondendo a vergonha da nossa carência, é extremamente importante. É a nossa identidade que nos mantém ancorados. Vamos necessitar dessa âncora para aquilo que está à nossa frente.

Assim, arranje uma âncora, aceite a sua adoção, e ligue-se ao seu Pai. E seja forte o suficiente na sua identidade para servir. ✨

· Arla Carabolad,
terapeuta familiar, de casais
e individual

O que é que devemos fazer de uma escritora que aconselhou as mulheres a encurtarem os seus vestidos 20cm, num mundo no qual muitas já os usam curtos de mais? Ou que aconselhou que as Escolas Adventistas deviam ensinar as raparigas a arrear e montar um cavalo, quando a maior parte nunca utilizará essa aprendizagem? Parte do problema reside no facto de o mundo ter mudado radicalmente desde a época em que viveu Ellen White. Mas esta não é a única questão que os leitores do século vinte e um precisam de ter em conta quando leem e procuram aplicar os conselhos de um profeta que viveu num tempo e lugar diferentes. Abaixo sugerimos 10 orientações que tornarão a nossa leitura de Ellen White mais vantajosa e equilibrada.¹

1. Concentre-se nos temas principais. Uma pessoa pode ler os escritos de Ellen White, pelo menos, de duas formas. Uma é procurar os temas centrais que ela trata; a outra é procurar as coisas que são novas e diferentes. A primeira forma conduz-nos a uma compreensão exata, enquanto a segunda nos conduz à distorção do que o autor queria dizer e frequentemente em direção a extremos que Ellen White detestava. Ela mesma defendia que, ao estudar a Bíblia, os leitores procurassem “obter conhecimento” do “grande tema central” da Bíblia. Para ela, esse tema era o plano da redenção e a grande controvérsia entre o Bem e o Mal. “Encarado à luz” do grandioso tema central da Bíblia, “cada tópico tem nova significação” (*Educação*, pp. 190, 125).

Em resumo, o seu conselho era ler para compreender a imagem alargada. Esta imagem proverá o contexto para interpretar todos os



Ler *Ellen White* no século XXI

Dez princípios a ter em consideração

outros assuntos em termos tanto de significado como de importância. Esse princípio aplica-se igualmente à Bíblia e aos escritos de Ellen White.

2. Enfatize o que é importante. No início do século vinte, quando alguns líderes da Igreja usavam os escritos dela combativamente para substanciar certos pontos proféticos que ela acreditava serem de menor importância, Ellen White escreveu que “o inimigo da nossa obra se agrada quando um assunto de menor importância pode ser usado para desviar a mente de nossos irmãos, das grandes questões que devem constituir a preocupação da nossa mensagem” (*Mensagens Escolhidas I*, pp. 164 e 165).

3. Estude toda a informação disponível acerca de um tópico. O neto e biógrafo de Ellen White, Arthur White, destacou este assunto quando escreveu que “muitos têm cometido um erro ao interpretar o significado dos testemu-

nhos usando declarações isoladas ou afirmações fora do seu contexto como uma base de crença. Alguns fazem isto embora existam outras passagens que, se cuidadosamente consideradas, mostrariam que a posição adotada com base em excertos isolados é insustentável”.²

4. Evite interpretações extremas. Ao não seguirem o conselho que Ellen White deu durante a sua vida, alguns indivíduos recriam-na usando a sua própria linguagem extremista. Durante a sua vida, ela tendeu para a moderação que falta, infelizmente, em alguns que afirmam ser seus fiéis seguidores. Por exemplo, alguns utilizam uma declaração em que Ellen White franzia o sobrolho aos jogos com bola para condenarem todos os jogos com bola, ao passo que ela escreveu que “não condeno o simples exercício de brincar com uma bola; mas isto, mesmo em sua simplicidade, pode ser levado ao excesso” (*Lar Adventista*, p. 499). Assim como em muitas

situações, Ellen White era mais moderada do que extremista.

5. Tome em consideração o tempo e o lugar. Devido à mudança ao longo do tempo e do espaço, é importante compreender o contexto histórico de muitos dos conselhos de Ellen White. Só temos que pensar no seu conselho às mulheres dos meados do século dezanove para encurtarem os seus vestidos 20cm. Dificilmente podemos utilizar essa citação como se ela a tivesse escrito na era da minissaia. Ellen White escreveu: “Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada; o tempo e o lugar, porém, têm que ser considerados” (*Mensagens Escolhidas I*, p. 57). Ela daria este conselho repetidamente ao longo do seu ministério.

6. Estude cada citação no seu contexto literário. As pessoas basearam vezes de mais a sua compreensão dos ensinamentos de Ellen White num fragmento de um parágrafo ou numa citação isolada, removida inteiramente do seu contexto. Falando da má utilização dos seus escritos por alguns, ela escreveu que “citam metade de uma frase, e omitem a outra metade, a qual, se fosse citada, mostraria que o seu raciocínio é falso” (*Mensagens Escolhidas III*, p. 82). Mais uma vez, ela comenta acerca daqueles que, por “separarem... citações do seu contexto e colocando-as ao lado do raciocínio humano, fazem com que pareça que os meus escritos apoiam o que condenam” (*Carta 208*, 1906).

7. Reconheça a compreensão de Ellen White acerca do ideal e do real. Ellen White ofereceu frequentemente conselho sobre o mesmo assunto a dois níveis. O primeiro pode ser considerado como o ideal. A este nível, encontramos afirmações que não permitem exceções. Um exemplo deste primeiro nível é o seu conselho relacionado com o ideal de que os pais deveriam ser

“os únicos mestres dos filhos até que eles cheguem à idade de oito ou dez anos” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 3, p. 137).

Por outro lado, quando ela lidava com situações do dia-a-dia, frequentemente ela moderava o seu conselho para satisfazer as necessidades das pessoas reais com limitações reais. Assim, ela moderava o seu conselho sobre os pais serem os “únicos” professores fazendo notar que o ideal poderia resultar “se” ambos os pais tivessem capacidade e tivessem boa vontade para executar a tarefa. Caso contrário, as crianças deveriam ser enviadas para a escola (*Mensagens Escolhidas III*, pp. 214-218).

Ellen White nunca perdeu o sentido do ideal, mas estava disposta a moderar o seu conselho para atender às situações do mundo real. Um dos aborrecimentos da sua vida eram aqueles que recolhiam somente as citações ideais e depois procuravam impô-las “a todos, e, em vez de ganhar almas, repelem-nas” (*Mensagens Escolhidas III*, pp. 282-286).

8. Utilize o bom senso. As citações de Ellen White não resolvem todos os problemas. Por vezes, simplesmente não se encaixam. Quando os problemas surgiram porque algumas pessoas salientaram a sua citação acerca dos pais serem os únicos professores dos seus filhos até à idade de 8 ou 10 anos, ela respondeu reivindicando que “Deus deseja que lidemos com esses problemas sensatamente”. Ela continuou fazendo notar que ficava perturbada por aqueles que tomavam a atitude de que “a Irmã White disse isto e aquilo, e a Irmã White disse aquilo e isto; e, portanto, nós vamos fazê-lo”. A sua resposta a tais pessoas foi: “Deus quer que todos nós tenhamos bom-senso, e deseja que raciocinemos movidos pelo bom senso. As circunstâncias alteram as condições. As circunstâncias

modificam a relação das coisas” (*Mensagens Escolhidas III*, pp. 215, 217). O seu conselho era de que os seus leitores precisavam de utilizar o bom senso mesmo quando pudessem haver uma citação dela sobre o assunto.

9. Descubra os princípios fundamentais. No início do século vinte, Ellen White escreveu que seria bom se “as moças... pudessem aprender a arrear, cavalgar” (*Educação*, pp. 216 e 217). Era muito praticado nos seus dias, mas não é muito útil hoje. No entanto, o princípio que estava subjacente a esse conselho é muito importante hoje. Ou seja, as mulheres jovens devem ser autossuficientes a nível de transporte. Assim, nos nossos dias, elas devem ser capazes de conduzir um carro ou mudar um pneu. A especificação exata de um conselho pode mudar, mas os princípios subjacentes têm valor duradouro.

10. Tenha a certeza de que Ellen White o disse. Muitas citações que são atribuídas a Ellen White nunca foram proferidas por ela. O único caminho seguro é utilizar as citações que podem ser encontradas nas suas obras publicadas ou afirmações dos seus escritos não publicados que podem ser validados por um dos Centros de pesquisa Ellen White. Muitos foram desviados por comentários atribuídos a ela que a mesma nunca proferiu.

Os escritos de Ellen White têm sido uma bênção para os leitores em todo o mundo. Eles serão ainda mais proveitosos se forem lidos com estas orientações em mente. ✨

· **George R. Knight,**
professor durante 30 anos
na Andrews University

1. Uma discussão mais detalhada deste assunto pode ser encontrada em: George R. Knight, *Reading Ellen White: How to understand and Apply Her Writings*, Hagerstown, MD, Review and Herald Publishing Assn., 1997.

2. Arthur L. White, *Ellen G. White: Messenger to the Remnant*, Washington, D.C., Review and Herald Publishing Assn., 1969, p. 88.

Esforçando-nos juntos

Unidade no corpo de Cristo

A maior parte das pessoas concorda certamente que a unidade é importante. Unidade tornou-se numa palavra muito usada na política e na religião. Há os Estados Unidos da América e o Reino Unido. Os alemães cantam, no seu hino nacional, sobre a unidade. Estamos familiarizados com o lema “Unidos venceremos”. Ouvimos falar da Igreja de Cristo Unida, da Igreja Unida do Canadá, da Igreja Metodista Unida e da Igreja da União na Austrália, para só mencionar algumas. Usamos ilustrações para mostrar a importância da unidade. Peguem num fósforo, por exemplo, e quebrem-no. Isso é fácil, até para uma criança. Mas unam 10 ou 20 fósforos e tentem quebrá-los. É muito difícil, senão impossível.

A unidade também é importante para os Adventistas. Em seguida, vamos analisar a unidade nas Escrituras e, com base no que aprendermos aí, tentaremos aplicar esses conceitos à Igreja Adventista.

Unidade nas Escrituras

Na Bíblia, o tema da unidade é muitas vezes expresso pelo termo “um”. É usado tanto em sentido positivo como negativo.

1. Unidade e Criação. No relato da Criação, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gén.

1:26).^{*} O versículo seguinte afirma: “Deus criou o homem à Sua imagem.” Há um Deus, mas nesse Deus *um* encontra-se uma pluralidade de pessoas. A unidade da Divindade é claramente afirmada em Deuterónimo 6:4: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.” O termo hebraico *echad*, aqui traduzido como “único”, tem também o sentido de “um”, ou “uno”,² referindo-se a uma unidade composta. Assim, o versículo diz, na realidade: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é um Senhor.” E o versículo 5 continua: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder.” Quando perguntaram a Jesus: “Qual é o maior mandamento da Lei?”, Ele citou Deuterónimo 6:4 e 5, a confissão de fé judaica. Jesus e os Seus seguidores também acreditavam num Deus uno, embora manifestado em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. É interessante que Jesus baseou o Seu apelo a amar Deus e amar o próximo na unidade de Deus. Porque Deus é um em três pessoas, o nosso amor por Ele e uns pelos outros deve ser indiviso. O amor entre os membros da Igreja de Jesus leva ao companheirismo e à unidade. Deste modo, a fonte e o fundamento da unidade encontram-se na Trindade.

A unidade de Deus reflete-se na criação do casamento. Duas pessoas, de géneros diferentes, tornam-se numa no casamento (Gén. 2:24; ver Mat. 19:5 e 6). A unidade expressa no casamento deve ser um reflexo da unidade da Trindade. A unidade é mais do que uma união de duas ou mais pessoas do mesmo género. A unidade não nega a diversidade. O milagre da unidade divinamente ordenada é que pessoas com grandes diferenças se unem e formam um novo “organismo”, no qual são consideradas iguais.

2. Unidade e a Queda. Com a Queda, surgiu um tipo negativo de unidade, analisado de forma mais extensiva nos escritos de Paulo. Depois da queda de Adão e Eva, a humanidade ficou unida na sua oposição a Deus (Rom. 1 e 2). Todos se tornaram pecadores (Rom. 3). Estão unidos na sabedoria louca do mundo (I Cor. 1:20 e 21). Como consequência do seu pecado, há unidade na morte (Rom. 6:23). Todos os pecadores devem morrer. Adão tornou-se no traço de união de toda a humanidade.

3. Unidade em Cristo. Foi através da morte de Jesus na cruz e da Sua ressurreição que os seres humanos voltaram a ter a opção de serem livres do poder do pecado e da morte. Por outras palavras, a unidade no pecado e na morte foi e será destruída para aqueles que acreditam em Cristo e estão n’Ele, a nova Cabeça da Humanidade, o segundo Adão. Por meio do batismo, eles são unidos à Igreja e ao rebanho de Cristo (Mat. 16:18; Luc. 12:32). Esta unidade é, em primeiro lugar, uma unidade com



Unidade no Corpo de Cristo

o Senhor, mas é também – e tem de ser – uma unidade com os outros crentes. “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor” (João 10:16). Na Sua oração sacerdotal Jesus orou pela unidade dos Seus seguidores (João 17:11).

Unidade no Corpo de Cristo

A Igreja é um corpo com muitos membros, chamados de todas as nações, tribos, línguas e povos. Em Cristo somos uma nova criação; distinções de raça, cultura, formação acadêmica e nacionalidade, e diferenças entre grandes e pequenos, ricos e pobres, homens e mulheres não podem provocar divisões entre nós. Somos todos iguais em Cristo, o Qual, por um Espírito, nos uniu numa sociedade com Ele e uns com os outros; devemos servir e ser servidos sem parcialidade nem reservas. Através da revelação de Jesus Cristo nas Escrituras, partilhamos a mesma fé e a mesma esperança, e procuramos alcançar todas as pessoas através do nosso testemunho. Esta unidade tem a sua origem na unidade do Deus triúno, que nos adotou como Seus filhos (Rom. 12:4 e 5; I Cor. 12:12--14; Mat. 28:19 e 20; Sal. 133:1; II Cor. 5:16 e 17; Atos 17:26 e 27; Gál. 3:27, 29; Col. 3:10-15; Efé. 4:14-16; 4:1-6; João 17:20-23). Esses seguidores de Cristo vêm de vários ambientes e condições. São diferentes. A diversidade não pode ser negada. Mas foram feitos um através de Jesus, o Qual destruiu todas as barreiras de gênero, nacionalidade, raça, estatuto social, formação acadêmica e quaisquer outras que possam existir (Efé. 2:11-22; Gál. 3:26-29). A diversidade é importante, mas a unidade ultrapassa a diversidade. Agora os crentes formam um corpo, o corpo de Cristo, no qual Ele é a Ca-

“A Igreja é um corpo com muitos membros, chamados de todas as nações, raças, línguas e povos. Em Cristo nós somos uma nova criação; distinções de raça, cultura, aprendizagem e nacionalidade e diferenças entre grandes e pequenos, ricos e pobres, homens e mulheres, não podem provocar divisões entre nós. Nós somos iguais em Cristo, que por um Espírito nos uniu numa sociedade com Ele e uns com os outros; nós devemos servir e ser servidos sem parcialidade nem reservas. Através da revelação de Jesus Cristo nas Escrituras nós partilhamos a mesma fé e a mesma esperança, e procuramos alcançar todas as pessoas através do nosso testemunho. Esta unidade tem a sua base na unidade do Deus triúno, que nos adotou como Seus filhos.”²

beça (Efé. 1:22 e 23; 4:4; Col. 1:18). Usam os seus vários dons para a edificação da Igreja e para a sua missão (Efé. 4:11 e 12; I Cor. 12). Embora as suas funções possam variar, são iguais aos olhos de Deus, o Qual não mostra qualquer parcialidade. “Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o Qual é sobre todos, e por todos, e em todos” (Efé. 4:4-6).

Unidade para os Adventistas

A Bíblia apresenta claramente o ideal, mas as igrejas podem ser afligidas por fações como foi a igreja de Corinto (I Cor. 1-3). Os Adventistas são confrontados por forças culturais, sociais, filosóficas, políticas e outras que ameaçam a unidade da Igreja. O que é que podemos fazer para permanecermos unidos?

Ao dirigir-se aos Coríntios, Paulo salienta que a unidade deve ser encontrada no Senhor crucificado “o Qual para nós foi feito, por Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (I Cor. 1:30). É Cristo, é a Divindade que garante a unidade, devemos concentrar-nos em Jesus. Mas a fé em Jesus não pode ser apenas uma construção teórica. Deve incluir uma mensagem comum,

chamada “a verdade” (João 17:17) e a partilha de “uma esperança” e de “uma fé” (Efé. 4:4 e 5). A unidade sem a verdade é sentimentalismo, falta-lhe um fundamento sólido.

Em segundo lugar, seguir o exemplo de Jesus, que é um com o Pai, inclui cuidar dos crentes e das várias entidades da Igreja, por exemplo, através de atos práticos de amor fraterno e através de apoio financeiro (I João 3:13-18; II Cor. 8:1-5). Inclui também trabalhar juntos para a missão comum que foi confiada a esta Igreja (Mat. 28:19 e 20; Apoc. 14:6-12). Uma tarefa comum pode ajudar-nos a voar alto sobre as nossas (muitas vezes) mesquinhas faltas de compreensão, ofensas e diferenças de opinião.

A unidade não acontece automaticamente. Temos de procurar voluntariamente (Efé. 4:3). Aproximar-nos mais d'Aquele que nos ama sem limites aproximar-nos-á mais uns dos outros. Reduz a distância. ✨

• **Ekkehardt Mueller,**
diretor Associado do BRI
Conferência Geral dos ASD

1. <http://www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=5#unidadeocorpodecristo>; ver *Os Adventistas do Sétimo Dia Creem...*, Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais, Associação Pastoral, Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Publicadora Atlântico, S.A., Sacavém, 1989, p. 166.
2. Ver nota c) de rodapé da versão Ferreira de Almeida, revista e atualizada, da Sociedade Bíblica Brasileira, 1999, referente a Deuterónimo 6:4.

A Felicidade Segundo Jesus

Lições das Bem-aventuranças

Em Busca da Felicidade

Onde podemos encontrar a felicidade? Esta questão tem interpelado muitos seres humanos durante todas as épocas da história da humanidade. Ela interpela-nos também hoje. Portanto, insistimos: Onde podemos encontrar a felicidade?

Certamente não na incredulidade. Voltaire, que se distinguiu como um dos mais famosos descrentes de todos os tempos, escreveu: “Eu desejaria antes nunca ter nascido.”

Certamente não no dinheiro. Jay Gold, um multimilionário americano, teve muito dinheiro. Mas à hora da sua morte, ele disse: “Julgo que sou o mais miserável dos homens sobre a Terra.”

Certamente não na posição social ou na celebridade. Lord Beaconsfield, que teve a sua boa quota-parte de estatuto e de celebridade, escreveu: “A juventude é um erro, a maturidade é uma luta, a velhice é um segredo.”

Certamente não no prazer. Lord Byron, que viveu rodeado de prazeres toda a sua vida de boêmio, escreveu no seu último aniversário: “Os meus dias são como folhas de outono, as flores e os frutos da

vida passaram. Somente os vermes, a putrefação e a dor são o meu destino.”

Certamente não no poder. Napoleão Bonaparte, prisioneiro na ilha de Santa Helena, concluiu: “Alexandre, César, Carlos Magno e eu, nós fundámos impérios. Mas sobre que coisa lançámos nós os fundamentos? Sobre a força! Só Jesus Cristo fundou o seu império sobre o amor, e hoje milhões estão dispostos a morrer por Ele.” Portanto, a questão angustiante impõe-se de novo a nós hoje: Onde podemos encontrar a felicidade?

A Proposta de Jesus Cristo

Cristo respondeu a esta questão quando pronunciou as Suas oito bem-aventuranças no quinto capítulo do *Evangelho de Mateus*. De facto, Jesus abre o Seu Sermão da Montanha com uma série de oito pronunciamentos sobre a bem-aventurança ou a felicidade de todos os que se colocam sob o governo soberano de Deus. “E [Jesus] pôs-Se a falar e os ensinava, dizendo: Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados

os aflitos, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mateus 5:2-10).

A Bem-aventurança Segundo Jesus

A palavra grega traduzida como “bem-aventurados” nestes pronunciamentos é *makarios*. Este termo designa o ser humano que vive um sentimento de felicidade, de bem-estar psíquico, cuja causa emerge do interior da própria pessoa. Corresponde à palavra hebraica *ashré*, que se encontra diversas vezes nos Salmos e nos livros de sabedoria da Bíblia. A forma literária destes pronunciamentos de Jesus sobre a felicidade dos escolhidos por Deus é comum no Antigo Testamento. No entanto, o conteúdo das bem-aventuranças pronunciadas por Jesus é – na maioria dos casos – radicalmen-

te distinto das bem-aventuranças registadas no Antigo Testamento. Jesus afirma estranhamente que, na verdade, os bem-aventurados, os felizes, os que se devem alegrar, não são os ricos e os poderosos que vivem hoje nesta Terra, mas sim os pobres e os humildes, os mansos e os que sofrem, os que têm sede de justiça e os que são injustamente perseguidos. Portanto, a apreciação de Jesus sobre as verdadeiras causas da felicidade nesta vida e sobre as condições para a felicidade na vida futura surge em forte contraste com a apreciação da sabedoria convencional do Seu tempo.

Felicidade presente e futura

A felicidade dos bem-aventurados mencionados por Jesus é já presente, mesmo que eles disso não se deem conta, na medida em que estes bem-aventurados são candidatos adequados para o Reino dos Céus, que se instalará na Terra sob o governo direto de Deus. Nesta medida, eles já são felizes hoje. Assim, Jesus, com o Seu pronunciamento, convida-os hoje a sentirem-se felizes e a alegrarem-se desde já. Mas fica também claro que a felicidade destes bem-aventurados apenas será plenamente realizada no futuro, quando estiverem finalmente gozando a sua cidadania nesse Reino eterno instaurado pelo ministério de Jesus e governado por Deus. Assim, eles são também bem-aventurados por causa do futuro de esperança que está colocado diante deles. São felizes porque a sua presente situação será completamente revertida e eles serão plenamente recompensados e satisfeitos no momento da implantação final do Reino de Deus sobre a Terra renovada.

De facto, as bem-aventuranças apontam as qualidades espirituais, os traços de carácter, que caracterizam aqueles que se submetem, no presente, ao domínio soberano de

Deus e que os tornam aptos a viver, no futuro, sob esse domínio no Reino Eterno. Só estes bem-aventurados serão aceites por Deus como aptos e como dignos de serem Seus filhos e Seus súbditos no Reino dos Céus. A mensagem das bem-aventuranças exprime as atitudes espirituais que devemos adotar para nos tornarmos, desde já, cidadãos desse Reino futuro. Devemos ser “pobres em espírito”, ser “mansos”, ter “fome e sede de justiça”, ser “misericordiosos”, ser “puros de coração”, ser “pacificadores”, e finalmente estarmos dispostos a sofrer “por causa da justiça”.

Jesus proclamou as bem-aventuranças porque primeiro as viveu, revelando-Se como o exemplo do verdadeiro cidadão do futuro Reino de Deus a instalar sobre a Ter-

Onde podemos nós encontrar a felicidade?

ra. As bem-aventuranças refletem a Sua experiência de vida, a Sua fé e a Sua esperança, bem como a Sua consciência da proximidade do Reino de Deus, que Ele próprio veio implantar pelo Seu ministério redentor. Tendo-as vivido primeiro, Ele convida-nos hoje a viver estas oito bem-aventuranças na nossa vida quotidiana.

Um exemplo moderno de bem-aventurança

Não é uma coisa impossível. A prova é a vida de uma cristã famosa que decidiu viver segundo as promessas de Jesus enunciadas nas bem-aventuranças. Estou a pensar em Madre Teresa de Calcutá. A vida de Madre Teresa é uma aplicação prática das bem-aventuranças. Ela nasceu a 26 de agosto de 1910 em Skopje, Macedónia, numa família albanesa. Foi educada como Católica. Fascinada desde jovem pelas histórias de missionários que a sua

mãe lhe contava, decidiu juntar-se às Irmãs do Loreto aos 18 anos, para ser missionária na Índia. Chegou à Índia em 1929 e foi ordenada em maio de 1931, tendo sido colocada num mosteiro de Calcutá como professora em 1937. Em setembro de 1946, Teresa sentiu-se chamada por Deus para dedicar a sua vida ao serviço dos mais pobres entre os pobres. Por mais de 45 anos, ela pôs-se ao serviço dos pobres, dos doentes, dos órfãos, dos moribundos, dos abandonados pela sociedade, enquanto liderava a expansão da ordem que fundou, a Ordem das Missionárias da Caridade. Foi-lhe conferido em 1979 o Prémio Nobel da Paz pelo seu trabalho humanitário. A ordem monástica que fundou em 1950 espalhou-se por 123 países, con-

tando atualmente com 610 missões e 5000 freiras. Como avaliava Madre Teresa a sua vida de serviço? Em 1973, o jornalista britânico Malcolm Muggeridge colocou-lhe a seguinte questão: “Conseguiu sentir felicidade e paz na sua vocação ao serviço dos mais pobres entre os pobres?” Teresa respondeu simplesmente: “Sinto a felicidade que ninguém jamais me poderá tirar.”

As oito bem-aventuranças desafiam-nos, a si que está a ler este artigo e a mim. Possam elas encontrar cumprimento na nossa vida hoje mesmo, para que possamos também gozar a futura felicidade que elas prometem no Reino de Deus que Jesus veio instalar na Terra. Este é o meu desejo para si e para mim. ✦

· **Paulo Lima,**

pastor estagiário responsável pelas igrejas da Brandoa, Póvoa de Santo Adrião e do grupo de Casal de Cambra

Pensa por Ti

Por volta de 1792, a rainha D. Maria I começou a mostrar sinais de loucura e foi afastada do trono. Mas era frequente ela querer sair do palácio e passear sem destino. Era sempre acompanhada por várias damas de companhia. Quando as pessoas as viam passar, comentavam: “Lá vai a Maria com as outras.” E a expressão ficou.

Mais tarde, começou a ser aplicada a quem demonstrava não ter vontade própria, nem espírito de iniciativa, alguém que se limitava a fazer como toda a gente, sem pensar por si mesmo.

Na verdade, seguir uma moda, um grupo, uma ideia, uma multidão sem pensar, sem analisar seriamente o que pode estar implicado e quais as consequências, pode não ser uma boa opção. O comodismo, que pode estar por detrás dessa atitude, não é, certamente, aconselhável a quem quer desenvolver uma identidade própria, equilibrada e forte.

Tu tens capacidade de decidir pelo melhor. Não sejas um ou uma “Maria vai com as outras”!



Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

Agenda abr 2012

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
Memoriza João 14:1-3 DIA INTERNACIONAL DOS AVÓS 1	Mateus 28:18-20 2	Êxodo 20:12 Arruma o teu quarto sem te pedirem. 3	Apocalipse 14:6 e 7 Ora pelos acampamentos regionais. 4	Apocalipse 14:12 ACAMPAMENTOS REGIONAIS 5	Os pais de Moisés (Êxo. 1:1-2:10) ACAMPAMENTOS REGIONAIS 6	Êxo. 12:21-28 ACAMPAMENTOS REGIONAIS Agradece a Deus pelo Seu cuidado e amor. 7
João 13:1-17 ACAMPAMENTOS REGIONAIS 8	Memoriza o Salmo 23 9	Salmo 1 10	I João 2:1 e 2 11	João 1:1-3 Pensa num gesto simpático a teres para com o teu/a tua professor/a. 12	Moisés (Êxo. 5:1-6:13; 14:5-31) Revê a lição da Escola Sabatina. 13	Lucas 21:1-4 Pede aos teus pais para te contarem uma história da Bíblia. 14
Mateus 7:7-12 Escreve um bilhete simpático ao teu vizinho. 15	Gênesis 3:15 16	Mateus 6:6-13 Ora pela tua família. 17	Memoriza o Salmo 19 18	Apocalipse 21:1-5 19	Miriam (Êxo. 15:1-21) 20	I Coríntios 12 Sorri para uma visita hoje. 21
Gênesis 1:1-31 DIA MUNDIAL DA TERRA 22	Efé. 4:11-16 Alimenta um animal abandonado. 23	João 14:6 Fazer um desenho de uma história bíblica. 24	Lucas 10:25-37 XVIII ASSEMBLEIA ADMINISTRATIVA DA UPASD 25	João 14:15 XVIII ASSEMBLEIA ADMINISTRATIVA DA UPASD 26	Aarão (Êxo. 32) XVIII ASSEMBLEIA ADMINISTRATIVA DA UPASD 27	Romanos 5:1, 8-11 XVIII ASSEMBLEIA ADMINISTRATIVA DA UPASD 28
Mateus 6:6-13 DIA NACIONAL DO SORRISO 29	Romanos 6:23 30	1	2	3	4	5

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não tenhamos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

Agenda disponível para download em: http://familia.adventistas.org.pt/mcrianca/recur_open.php

A Matemática de Deus



O pedido não podia ter chegado num momento pior. Nikolai, que frequenta a minha igreja, abordou-me depois do serviço de culto com o pedido de uma grande soma de dinheiro para ajudar uma amiga da igreja, na Sibéria, que necessitava urgentemente de comprar medicamentos. Tinha essa exata quantia de dinheiro numa conta no banco, guardada para uma emergência.

Quando lhe expliquei que estava numa situação financeira apertada nesse momento, Nikolai disse que até metade da quantia total serviria. Disse-lhe que tinha de orar sobre o assunto.

Realmente orei. Pensei se Deus não estaria a testar a minha fé. Os tempos eram difíceis depois da crise financeira de 2008 ter retirado parte do meu salário. Se eu cedesse os meus recursos de emergência, será que Deus abriria as janelas do Céu para derramar uma bênção? *Provavelmente, não*, pensei sombriamente, porque Deus não tinha outras opções para me enviar dinheiro. Não havia hipótese de uma angariação de fundos ou um prémio no final do ano. De facto, eu tinha sorte em ter um trabalho naquele momento quando havia jornais em todo o mundo que estavam a declarar falência.

Orei fervorosamente. Lutei com Deus. Mas não conseguia descobrir uma boa desculpa para recusar o dinheiro. Nikolai era um respeitável membro da igreja. Era evidente que a mulher estava necessitada. Seria menos doloroso entregar metade da quantia e ninguém seria mais sábio. Mas tinha toda a quantia no banco e podia viver bem sem ela.

Zangado, fui até à máquina multibanco, na segunda-feira, e retirei a quantia total solicitada. Sabia que nunca mais receberia aquele dinheiro.

Na igreja, no sábado seguinte, chamei o Nikolai. “Consegui reunir a quantia de dinheiro”, disse-lhe, sem lhe dizer a quantia exata. Coloquei as notas na sua mão.

De Volta Aos Negócios

Cerca de duas semanas mais tarde, os redatores principais e os editores da editora na qual trabalho, deixaram Moscovo para um encontro administrativo de dois dias. Nos últimos dois anos tínhamos voado até Creta e até à Itália para ouvirmos os resultados financeiros do ano anterior e os planos administrativos para o ano seguinte.

Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor.

Desta vez alugámos um pequeno autocarro e fomos até um hotel a duas horas de distância de Moscovo. A crise financeira tinha afetado gravemente a empresa.

A nossa diretora apresentou diapositivo após diapositivo, durante a sua apresentação *PowerPoint*, revelando, a vermelho, as grandes perdas da indústria. Pela graça de Deus, o jornal onde trabalho tinha terminado o ano com lucro.

Então a diretora lançou uma “bomba”.

“É espantoso termos resistido este ano”, disse ao concluir as suas

observações. “Não sabíamos como iríamos lidar com a crise, por isso quando esta começou pusemos de lado um montante para as emergências. Afinal, as coisas não foram tão más como se esperava. Por isso, o conselho administrativo da nossa empresa decidiu dividir o dinheiro da reserva sob a forma de prémios anuais para vocês e para o vosso pessoal.”

Todos os redatores e editores se engasgaram, depois aplaudiram. Eu baixei a minha cabeça envergonhado. Deus tinha aberto uma janela onde eu pensava que não fosse possível. Enquanto tinha tentado proteger a minha poupança, Deus tinha estado a olhar para a poupança bem maior da minha empresa – um fundo do qual ninguém tinha conhecimento.

“Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os Céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos” (Isa. 55:8 e 9).

Quando chegou o meu prémio anual, era sete vezes maior do que o montante que tinha dado ao Nikolai. ✨

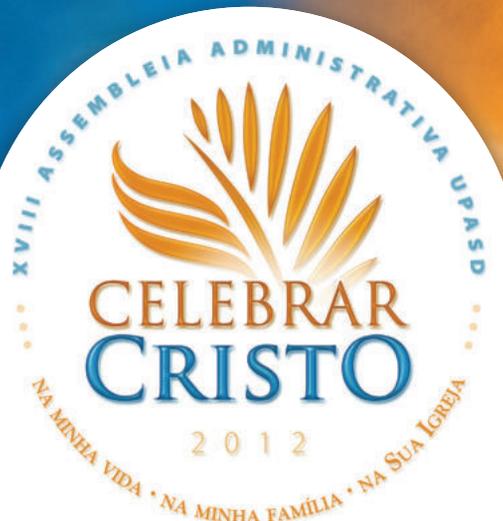
• **Andrew McChesney**,
jornalista na Rússia

Veja através da Internet

Assista ao vivo ou
através da Internet

DELEGADOS
E CONVIDADOS

IGREJA CENTRAL
DE LISBOA



IGREJA NACIONAL

AULA MAGNA,
LISBOA
(Cidade Universitária)

Mensagens Espirituais
da Assembleia Administrativa

25 a 27 de abril

Transmissões para
TVAdventista.pt

25 de abril (quarta):
20h

26 de abril (quinta):
8h e 20h

27 de abril (sexta):
8h e 20h



União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia
Rua Acácio Paiva, 35 1700-004 Lisboa
Tel.: 21 351 09 10

Assembleia Espiritual

28 de abril

das 9h45 às 18h00

Culto Solene – 11h

Programa de celebração – 16h

ENTRADA LIVRE



Convidada Especial

Dr^a Ella Simmons

Vice-presidente da Conferência
Geral dos Adventistas do
Sétimo Dia

Transmitido ao VIVO
em www.tvadventista.pt

Início de transmissão: 10h